

gente de rua

histórias humanas
de asfalto e sonho

Tomás Bannwart Novaes

gente de rua

histórias humanas de asfalto e sonho

Tomás Bannwart Novaes

São Paulo

2024

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, pelo curso de Bacharelado em Jornalismo apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Dennis Oliveira.

*“A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo.
Há suor humano na argamassa do seu calçamento”*

João do Rio (1881-1921), A Alma Encantadora das Ruas

agradecimentos

Aos meus pais, Silvia e Juca, pelo amor, carinho, suporte e apoio, pelo teto, a comida, a cama e o chuveiro, tudo mais que um ser humano precisa para crescer dignamente, e pelo esforço para proporcionar uma educação que me permitisse realizar o sonho de chegar nessa universidade.

A Tita, pela paciência, as palavras de sabedoria que tantas vezes iluminaram meus pensamentos ao longo dessa pesquisa, as memórias que criamos juntos nessa universidade, e, principalmente, por ser a minha grande companheira para tudo que der e vier, comigo, sempre.

A todas as pessoas que, com os corações abertos, me guiaram e ajudaram nessa pesquisa, em especial Bruno, Tadeu, Adriana, Cristina, Marcelo, Rodrigo, André, Serginho, Caroline, Alderon e Rodolfo.

A todos os colegas que conheci nessa jornada na USP e me deram a certeza cada vez maior de que não teria outro lugar que eu queria estar mais nesse mundo do que a ECA.

A todos os professores e funcionários do CJE que conheci e convivi nesses anos felizes.

Aos discos do Prince que escutei enquanto escrevia este livro.

resumo

Este trabalho coloca em prática o conceito de entrevista como Diálogo Possível, formulado pela professora Cremilda Medina, a partir de cinco perfis de pessoas em situação de rua que vivem na cidade de São Paulo, entrevistadas entre agosto e outubro de 2024, com o intuito de dar voz a histórias invisibilizadas pelo jornalismo convencional e apresentar um estudo qualitativo sobre esta problemática urbana que se agravou no pós-pandemia.

Palavras-chaves: Livro-Reportagem. Jornalismo. População em situação de rua.

abstract

This work puts into practice the concept of interview as Possible Dialogue, formulated by professor Cremilda Medina, based on five profiles of homeless people living in the city of São Paulo, interviewed between August and October 2024, with the aim of give voice to stories made invisible by conventional journalism and present a qualitative study on this urban problem that has worsened post-pandemic.

Keywords: Report Book. Journalism. Homeless population.

♦

♦

♦

♦

♦

sumário

INTRODUÇÃO • 15

I. A SITUAÇÃO DE RUA • 22

A situação em números • 23

A pesquisa • 32

II. VOZES DO ASFALTO • 40

César Augusto • 41

Maria de Fátima • 48

Wellington • 54

Dona Fátima • 63

Guerreiro • 68

III. ATRAVESSANDO A RUA • 80

Alderon Costa • 81

Rodrigo Gios • 87

Caroline D'Amelio • 92

IV. DIÁRIO DE BORDO • 96

A barata • 97

O entulho • 97

O pé • 98

A espera •	98
A despedida •	99
O voto •	99
O dono de lanchonete •	100
As partículas •	101
O acesso •	102

CONCLUSÃO •	103
-------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS •	109
------------------------------	-----

introdução

O capítulo que abre o livro *Entrevista: O Diálogo Possível* (Medina, 1995), da jornalista e professora aposentada do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da ECA-USP, Cremilda Medina¹, carrega no título a essência deste trabalho: Microfone para as vozes sufocadas. Na seção de três páginas, a pesquisadora inaugura sua teoria sobre a entrevista, matéria bruta primordial para o trabalho jornalístico.

A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta — fria nas relações entrevistado-entrevistador — não atinge os limites da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo. [...] Desenvolver a técnica da entrevista nas suas virtudes dialógicas não significa uma atitude idealista. No cotidiano do homem contemporâneo há espaço para o diálogo possível. Estão aí experiências ou exceções à regra que provam o grau de concretização da entrevista na comunicação coletiva. Sua maior ou menor comunicação está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quanto, em um desses raros momentos, ambos — entrevistado e entrevistador — saem “alterados” do encontro, a técnica foi ultrapassada pela “intimidade” entre o EU e o TU. Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível (Medina, 1995, p. 5-7).

Mais a frente, em seu livro, Medina traz diferenciações entre tipos de textos e entrevistas, elencadas por Edgar Morin² (1973), separadas entre “entrevistas cujo objetivo é espetacularizar o ser humano” (Medina, 1995, p. 14) e “entrevistas que esboçam a intenção de compreendê-lo” (Medina, 1995, p. 14). A segunda categoria é a que nos interessa, e nela estão inseridos dois conceitos centrais deste projeto: a “entrevista-diálogo” (Medina, 1995, p. 15) e o “perfil humanizado” (Medina, 1995, p. 18). O primeiro dialoga com o termo que nomeia o livro, o Diálogo Possível, e aqui é definido como “uma busca em comum (...). O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema” (Medina, 1995, p. 15). O

1 Jornalista, pesquisadora e professora aposentada da ECA-USP, Cremilda Medina é autora de 20 livros e organizadora de 60 coletâneas inter e transdisciplinares.

2 apud MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e televisão. In: Moles, Abraham A. et alii. Linguagem da cultura de massa. Petrópolis, Vozes, 1973.

segundo é descrito como “uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida” (Medina, 1995, p. 18).

Este livro-reportagem tem como norte esses dois conceitos, usados e aprofundados para captar e contar cinco histórias de vida de pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo, entre agosto e outubro de 2024. São dois objetivos principais neste trabalho: dar voz a trajetórias de vida invisibilizadas pelo jornalismo convencional e, com isso, também apresentar um estudo qualitativo acerca da problemática da população em situação de rua na cidade de São Paulo.

Sobre o segundo ponto, que demarca a importância deste estudo no momento atual, vale trazer outras ideias da professora Cremilda Medina, desta vez sobre a função do jornalismo, e também sobre a contação de histórias de pessoas anônimas, escritas no livro *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano* (Medina, 2003). Nesta publicação, a professora cita laboratórios organizados por ela em aulas no CJE, entre eles a série São Paulo de Perfil, uma coletânea de livros criada em 1987 com narrativas sobre a cidade, escritas por alunos.

Surge assim a série São Paulo de Perfil que, adotando o suporte livro, veicula a grande reportagem ou, na denominação atual, narrativas da contemporaneidade. Esboça-se então um projeto de reconstituição do rosto multifacetado de Brasil que se constrói no caos contemporâneo e nas tribos que habitam São Paulo. A curiosidade primeira: quem são os anônimos que fazem os cotidianos da cidade-síntese do País? (Medina, 2003, p. 33).

Esta noção de “narrativas da contemporaneidade” traz um valor estratégico e fundamental do jornalismo: a mediação da realidade. “No exercício do jornalismo elegi como prioridade a prática do repórter como mediador social dos discursos da atualidade” (Medina, 2003, p. 34). É possível traçar um paralelo entre essa noção jornalística de “tecer o presente” com a semiótica da cultura, conceito desenvolvido pela Escola Semiótica de Tartu-Moscou³, especialmente Yuri Lotman⁴. A noção de que “nossa natureza

3 Corrente semiótica baseada na Universidade de Tartu, na Estônia, que reuniu acadêmicos importantes entre os anos 1960 e 1980.

4 Semioticista e historiador cultural russo, foi o principal representante da Escola de Tartu-Moscou.

é a cultura” (Machado, 2013, p. 62), conceituada por outro estudioso do campo, Kalevi Kull⁵, é um alicerce desta teoria, segundo a qual a informação é “emissão do cosmos/transformação codificada em mensagens” (Machado, 2013, p. 63), e a cultura é “fruto da semiose das transformações dialéticas da natureza em que quantidades se transformam em qualidades. [...] O mecanismo elementar de produção da semiose é a transformação da informação percebida em informação codificada, isto é, em texto” (Machado, 2013, p. 64).

Texto, neste caso, não é o texto escrito, mas sim um dispositivo complexo que contém códigos capazes de transformar mensagens e gerar novas. Nesta trama estão os meios de comunicação, e o jornalismo.

O «trabalho» fundamental da cultura [...] consiste em organizar estruturalmente o mundo que rodeia o homem. A cultura é um gerador de estruturalidade: cria à volta do homem uma esfera que, da mesma maneira que a biosfera, torna possível a vida, não orgânica, é óbvio, mas de relação (Machado, 2013, p. 65).

Segundo a teoria de Lotman, a cultura tem a capacidade de transformar a informação em conjuntos organizados de sistemas de signos, “aptos a constituir linguagens, tão distintas quanto as necessidades expressivas dos diferentes sistemas culturais” (Machado, 2013, p. 65). A diferença do jornalismo para outros sistemas semióticos, como as ciências sociais e a historiografia, é justamente a sua relação com o presente, o contemporâneo, o seu dever de captar e comunicar o que está acontecendo no mundo, ou acaba de acontecer. Cremilda se aproxima do conceito semiótico em um trecho do livro *Entrevista: o diálogo possível* (Medina, 1995).

O repórter se lança a uma pesquisa ou ato de decifração possível perante a complexa rede de forças que atua sobre o fato jornalístico (a pauta). Surge então a consciência de que entramos numa especulação ilimitada, um mergulho na Verdade de muitas faces, contradições, em que a atuação do jornalismo é sempre relativa, nunca totalmente objetiva, cientificista, como pretendem os clássicos do mito da objetividade. Diante de uma Realidade cifrada (como Freud diante do Sonho), inicia-se um processo de decifração. Trata-se da arte de tecer o presente, e não a garantia científica de atingir a Verdade Absoluta (Medina, 1995, p. 33).

5 Biosemiologista e professor da Universidade de Tartu.

Assim, o repórter está na linha de frente dessa decifração da realidade, dentro do sistema semiótico da cultura em que o material bruto humano — que são as memórias, as histórias, os sentimentos, as ações — é traduzido em texto, ou em notícia. Neste livro-reportagem, essa tradução semiótica está inserida dentro do contexto de grave crise social na cidade de São Paulo após a pandemia da Covid-19, com o aumento da população em situação de rua — de 32.817 famílias em agosto de 2019 para 81.328 em agosto de 2024, de acordo com dados do CadÚnico. Este projeto é uma tentativa de colocar uma lupa sobre esses números, e, nas entrelinhas, escutar histórias direto das suas fontes humanas. Com este trabalho microscópico, o intuito é se aproximar mais da realidade ampla e complexa desse problema social. Esse jogo entre a particularidade e o comum, o pessoal e o social, é bem resumido por Paulo Roberto Leandro⁶ no posfácio do livro *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano* (Medina, 2003): “cabe a essa profissão, em particular, inocular o indivíduo na história em busca do universal. Remeter o particular para seu contexto, investir em sua identidade e contribuir para a identificação social” (Medina, 2003, p. 148).

Nessa decifração da realidade guiada pelo particular, outro elemento essencial da teoria de Cremilda Medina, e que também aparece como fundamento deste trabalho, é a escolha de personagens anônimos. As pessoas comuns, que somos todos nós, vivendo suas alegrias e tristezas cotidianamente, que formam a massa social que raramente está presente na comunicação social a um nível mais íntimo, pessoal e aprofundado.

Para que o cotidiano se apresente é preciso romper com as rotinas industriais da produção da notícia. É preciso superar a superficialidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais. Há uma demanda reprimida pela redemocratização das vozes que se fazem representar na mídia. Torna-se necessário mergulhar no protagonismo anônimo. Da objetividade esquemática e burocrática de uma notícia à complexa e surpreendente subjetividade dos que vivem aqueles acontecimentos. Da fragmentação das ações humanas à sua contextualização na rede de forças que lhe é subjacente. Do aleatório de um momento avulso à trama de tempos que afloram no presente. Da hegemonia dos fatores econômicos que determinam o raciocínio de causa e efeito, à sutileza das inter-causalidades. E, acima de

6 Paulo Roberto Lobo Leandro (1947-2015) foi um ex-professor do CJE e jornalista com passagens pela Rede TV!, TV Cultura e TV Globo.

tudo, a força das identidades culturais na produção simbólica. De fato, não são abstrações conceituais que presentificam o cotidiano e sim, experiências vivas que se tecem na cultura. Só o cotidiano particularizado em estratégias locais oferece elementos para a narrativa criativa dos acontecimentos, Aí sobrevivem os anti-heróicos sem grandiloquência (Medina, 2003, p.93).

Para mergulhar neste universo real — que são as vidas de todos nós, protagonistas das nossas próprias histórias —, é necessário ultrapassar o tempo comercial da notícia e as automatizações que a dinâmica do mercado jornalístico imprime no repórter. Como Medina conceitua, “é preciso abandonar o conforto das fórmulas engessadas nos manuais jornalísticos e ir ao mundo para viver o presente” (Medina, 2003, p. 40). Se libertar de regras, convenções e expectativas, como um trabalho de subtração, ou melhor, de emersão do essencial: contar uma boa história.

Pesa para o leitor de uma narrativa o grau de identificação com os anônimos e suas histórias de vida. De certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha em sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano. Descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstituir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional, passou a ser um marco de pesquisa cada vez mais consistente na São Paulo de Perfil [...]. Contar uma boa história, afinal, é o segredo da reportagem (Medina, 2003, p. 53).

Aqui vale também introduzir o livro *A casa imaginária* (Medina, 1990), o sexto volume da série São Paulo de Perfil. Essa obra trata do tema da habitação na cidade de São Paulo, à luz dos conceitos desenvolvidos por Medina sobre diálogo, perfil e mediação social.

São Paulo de Perfil-6 reúne histórias humanas deste que é o drama do brasileiro anônimo. Mas o problema da habitação não aparece aqui na sua expressão numérica e deficitária. Quem não sabe disso? Qual o político de campanha eleitoral que não se vale desses dados? A casa, para os repórteres deste livro, é mais do que uma construção física, terreno, impasse do poder aquisitivo. Ao especular *A Casa Imaginária*, colheram-se relatos e observou-se a trama em que se tece a moradia. A alma dos migrantes e dos habitantes da terra delira nas ruas, na favela ou no edifício de apartamentos. Nem as mais precárias condições de vida impedem a fantasia. E o imaginário se realiza na intimidade de qualquer casa (Medina, 1989, p. 9).

Esta descrição dialoga por completo com o intuito deste trabalho, que não tem uma proposta de amostragem, e sim de dar voz a personagens anônimos, e, conhecendo o íntimo das suas histórias, iluminar um problema grave e atual da capital paulista, que são as milhares de pessoas sem moradia digna.

Assim, ao longo da pesquisa, foram recolhidas cinco histórias de vida de pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo, entre agosto e outubro de 2024. Para a construção de uma relação de confiança com os personagens, atuei como voluntário de quatro ações de ONGs que ocorrem semanalmente nos mesmos horários e pontos da capital paulista — Doadores de Alegrias, às segundas-feiras, na Sé; SP Invisível, às terças, na República; Pãozinho Solidário, às quartas, no Anhangabaú; e Dando Sopa, às quintas, no Ipiranga. Por meio desses grupos, e estando em contato com outros voluntários, pude me aproximar dos entrevistados, e assim realizar entrevistas de fôlego com cada um, sobre as suas trajetórias de vida.

Este livro-reportagem tem como objetivo dar voz a trajetórias de vida invisibilizadas pelo jornalismo convencional, e assim apresentar um estudo qualitativo sobre o problema da população em situação de rua na cidade de São Paulo, a partir do conceito supracitado de Diálogo Possível, de Cremilda Medina.

a situação
de rua

O presente capítulo traz, em uma primeira seção, dados acerca do tema da população em situação de rua em São Paulo, e, na segunda parte, detalhes sobre o processo de captação e escrita da pesquisa.

1.1 A situação em números

A definição do termo “população em situação de rua” usada atualmente no Brasil é extraída do art. 1, parágrafo único do Decreto Nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009, que instituiu a Política Nacional para a População em Situação de Rua.

DECRETO Nº 7.053 DE 23 DE DEZEMBRO DE 2009.

Art. 1º Fica instituída a Política Nacional para a População em Situação de Rua, a ser implementada de acordo com os princípios, diretrizes e objetivos previstos neste Decreto.

Parágrafo único. Para fins deste Decreto, considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL. Decreto n.º 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 24 dez. 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm. Acesso em: 31 out. 2024.).

Portanto, vale ressaltar que, dentro desta noção, podem estar incluídas pessoas em vulnerabilidade social que não dormem nas ruas e calçadas, mas que, ao mesmo tempo, não possuem moradia digna ou estável, vivem em albergues, pensões ou ocupações, e tem a rua como um espaço transitório onde trabalham ou buscam alimentos.

Durante a pesquisa, encontrei muitas pessoas que se encontram no limiar desta definição. Uma delas é a personagem Maria de Fátima, cuja

história foi incluída neste livro. Ela mora em uma ocupação, nunca dormiu na rua e possui vínculos familiares. Fátima busca refeições oferecidas gratuitamente por ONGs em alguns dias da semana, e trabalha com varrição de rua no Programa Operação Trabalho (POT), da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Trabalho (SMDET), que oferece emprego para pessoas desempregadas. É difícil delimitar as fronteiras exatas do termo “situação de rua”, pois a complexidade dessa realidade vai além de conceitos e categorias sociais. A melhor e mais detalhada conceituação que encontrei não está em nenhum decreto ou tese, e sim na boca de César, outro personagem entrevistado, que descreveu cinco casos:

O termo técnico de população em situação de rua, determinado pela Secretaria de Assistência Social da Prefeitura, é o mais correto, porque ele é abrangente. É desde o cara que está deitado na rua, até o que já mora em albergue. O terceiro caso são os que moram em vagas ou pensões. O quarto, as invasões [ocupações]. Nesses 20 anos nessa situação, descobri um quinto caso. Tinha uma senhora que pegava comida junto com a gente na rua, e descobriram que ela tinha aposentadoria e casa própria. Ela explicou que a aposentadoria é consumida praticamente toda pelo condomínio, o IPTU, a água e a luz. O que sobra dá para comprar sabão, sabonete, pó de café, açúcar, leite e o botijão a cada dois meses. Comida mesmo, todo dia já não dá. Então entendemos que ela seria um quinto caso.⁷

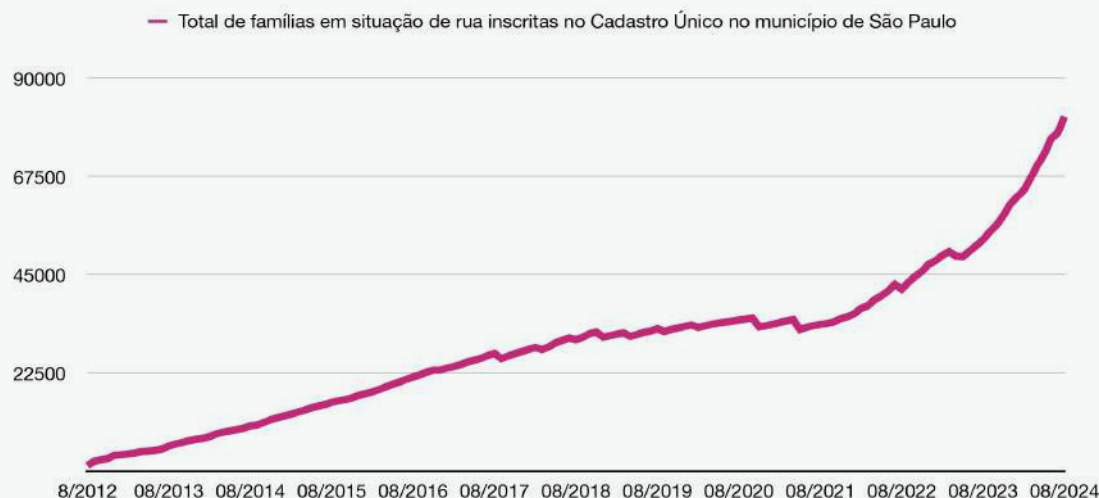
Dentre as diferentes bases de dados disponíveis para o estudo da população em situação de rua, a mais atualizada é o Cadastro Único para Programas Sociais, ou CadÚnico, instrumento de coleta de dados e informações de pessoas e famílias de baixa renda para a inclusão em programas federais de assistência social, como o Bolsa Família e o Benefício de Prestação Continuada – BPC. O CadÚnico é atualizado mensalmente.

Segundo esses dados, a população em situação de rua mais que dobrou nos últimos cinco anos — em agosto de 2019, eram 32.817 famílias nesta situação, e, em agosto de 2024, esse número subiu para 81.328 (Gráfico 1). A unidade “Famílias” não é ideal como métrica de contagem, porém o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS) não disponibiliza publicamente a série histórica na unidade “Pessoas”, somente essa tabulação a cada mês — em setembro de

7 Entrevista concedida em 4 de outubro de 2024, na cidade de São Paulo.

2024, são 86.344 pessoas em situação de rua em São Paulo. A inclusão da população de rua no registro do Cadastro Único, que existe desde 2001, aconteceu em 2012, e por isso este é o marco zero desses dados.

GRÁFICO 1 – FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO DE RUA INSCRITAS NO CADÚNICO EM SÃO PAULO, DE 2012 A 2024.

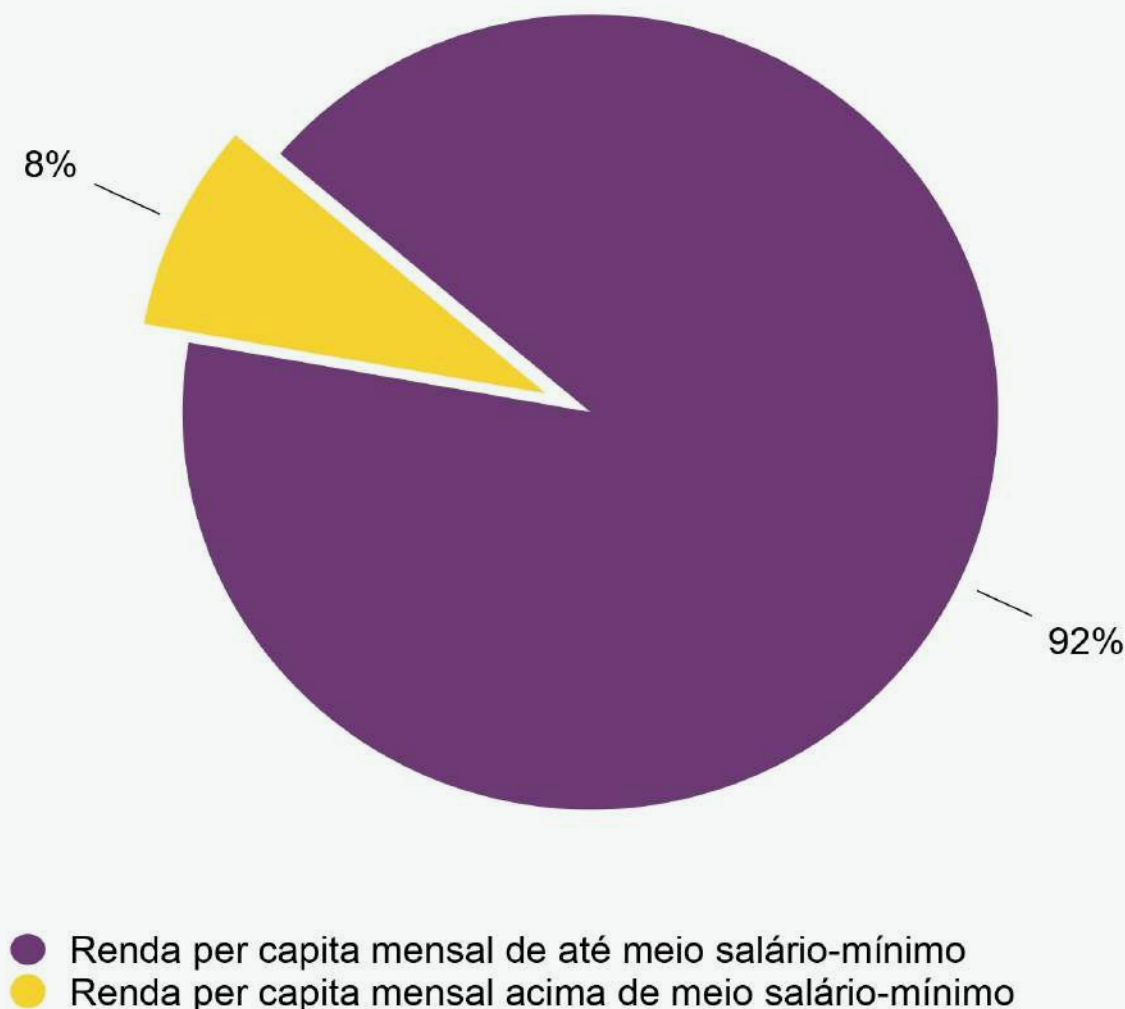


Fonte: Secretaria de Avaliação, Gestão da Informação e Cadastro Único - SAGICAD/MDS.

Em entrevista concedida a este projeto no dia 4 de setembro de 2024, André Freitas Dias, professor e pesquisador-extensionista do Programa Transdisciplinar Polos de Cidadania da UFMG, que abriga o Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua, afirmou que “nenhuma outra base de dados no Brasil faz a identificação da população em situação de rua tão bem quanto o CadÚnico”, e por isso ela é a principal métrica usada pelo grupo de pesquisa.

Entre as 81.328 famílias em situação de rua inscritas no CadÚnico em agosto de 2024, 61.712 eram beneficiárias do Programa Bolsa Família, uma porcentagem de 75,88%. E, naquele mesmo mês, eram 74.456 (92%) famílias com renda per capita mensal até meio salário-mínimo, e 6.872 (8%) com renda acima deste valor.

GRÁFICO 2 – RENDA DE FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO DE RUA INSCRITAS NO CADÚNICO EM AGOSTO DE 2024.



Fonte: Secretaria de Avaliação, Gestão da Informação e Cadastro Único - SAGICAD/MDS.

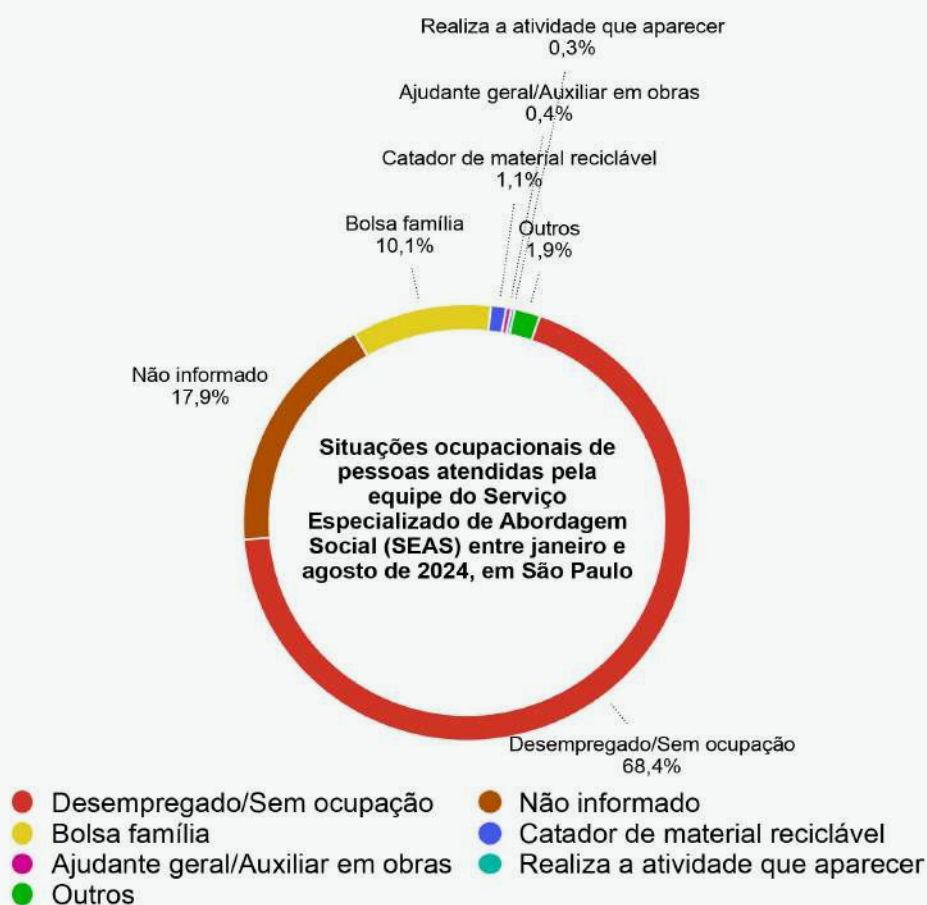
A qualidade da base de dados do CadÚnico depende de atualização desse cadastro pelos municípios. A taxa de atualização — isto é, um quantitativo de famílias cadastradas que possuem até 2 anos desde a data de sua última atualização — em São Paulo, segundo dados de outubro, está na casa dos 73,51%, o que torna a cidade a quarta capital brasileira menos atualizada do país, atrás de Brasília, Curitiba e Florianópolis.

Outros serviços públicos também atuam com a população de rua, como o Serviço Especializado de Abordagem Social (SEAS), vinculado à Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS), que realiza a busca ativa e abordagem das pessoas, com objetivo de promover o

processo de saída das ruas. Os dados coletados pela equipe são registrados no Sistema de Atendimento do Cidadão em Situação de Rua e Acolhimento (SISRUA), e, via Lei de Acesso a Informação, foi possível extrair dados sobre o número de abordagens por distrito e por situação ocupacional (Gráficos 3 e 4) entre janeiro e agosto de 2024.

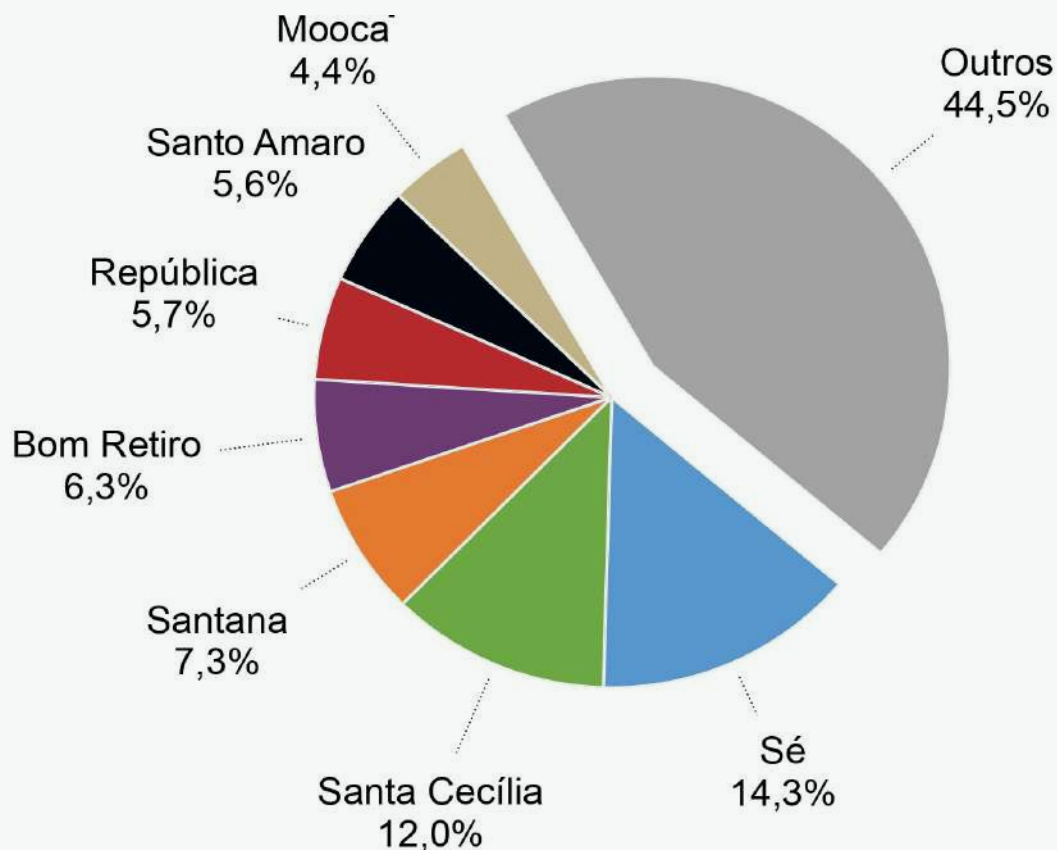
Dentre um total acumulado de 388.696 abordagens realizadas em toda a cidade entre janeiro e agosto, a grande maioria (68,4%) das pessoas em situação de rua identificadas estão desempregadas. Em seguida, a fonte de renda com maior presença é o Bolsa Família (10,1%), seguida de ofícios como catador de material reciclável (1,1%) e auxiliar em obras (0,4%). Também vale destacar que o distrito com maior número de abordagens foi a Sé (14,3%), seguido de Santa Cecília (12,0%) e Santana (7,3%).

GRÁFICO 3 - SITUAÇÕES OCUPACIONAIS DE PESSOAS ATENDIDAS PELA EQUIPE DO SEAS, ENTRE JANEIRO E AGOSTO DE 2024.



Fonte: Sistema de Atendimento do Cidadão em Situação de Rua e Acolhimento (SISRUA).

GRÁFICO 4 – QUANTIDADE DE ABORDAGENS DA EQUIPE DO SEAS POR DISTRITO, ENTRE JANEIRO E AGOSTO DE 2024.

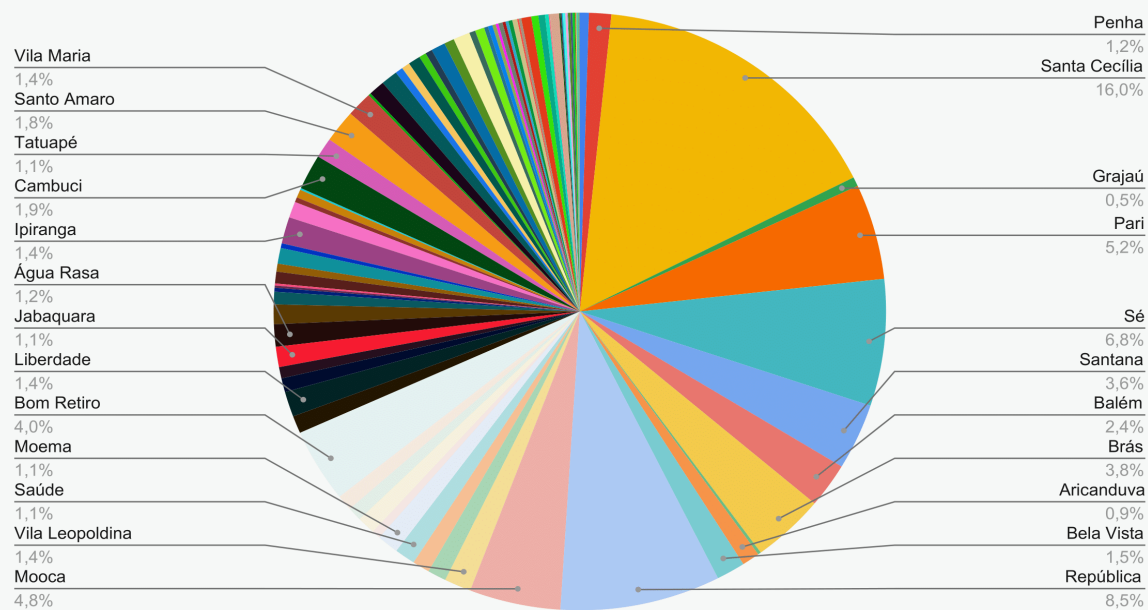


Fonte: Sistema de Atendimento do Cidadão em Situação de Rua e Acolhimento (SISRUA).

Outra base de dados importante é o Censo realizado pela prefeitura de São Paulo em 2021, feito pela empresa Qualitest, que chegou ao número total de 31.884 pessoas em situação de rua na cidade. Esta última edição do Censo foi produzida entre os meses de outubro e novembro de 2021.

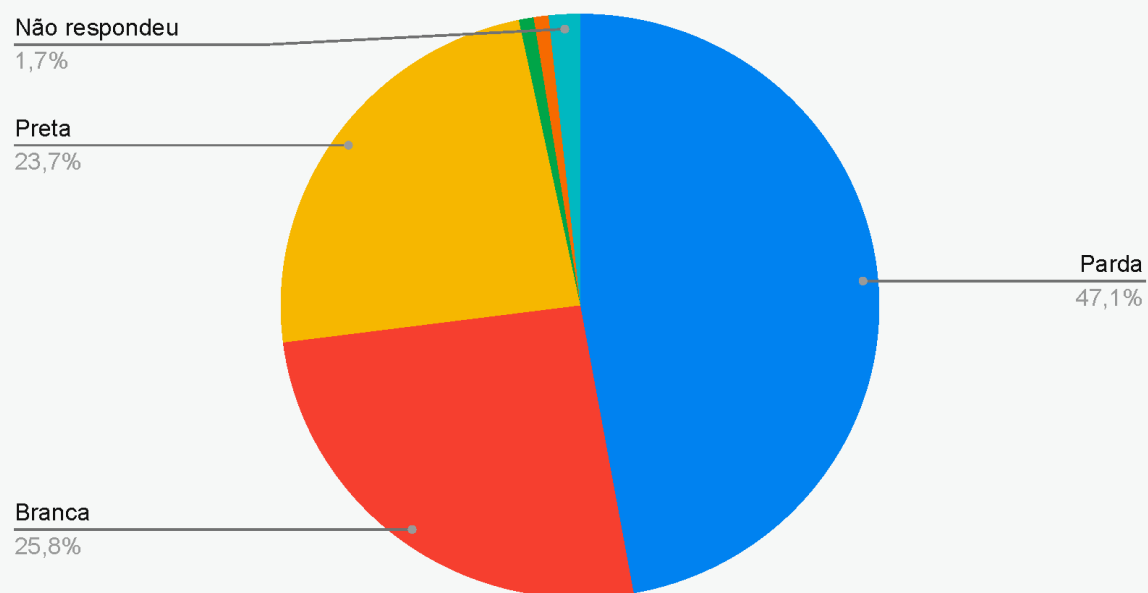
Dentre as mais de 30 mil pessoas identificadas, a maioria foi localizada em três bairros vizinhos da região central: Santa Cecília (16,0%), República (8,5%) e Sé (6,8%). Outro dado interessante é o tempo de permanência na rua — a maior parte da população entrevistada está na rua há um período entre 2 e 5 anos (28,7%), seguido por mais de 5 até 10 anos (25,9%) e por mais de 10 anos (17,4%). O grupo de pessoas é formado principalmente por homens (83,4%), pessoas de 31 a 49 anos (50,3%) e a população parda (47,1%).

GRÁFICO 5 – PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA POR DISTRITO DE SÃO PAULO, SEGUNDO O CENSO 2021.



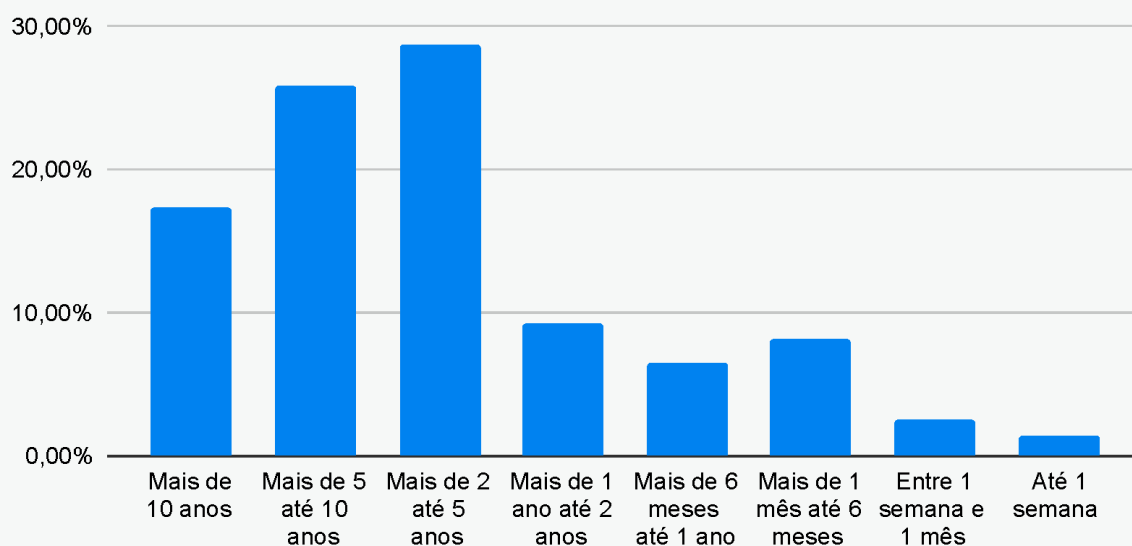
Fonte: Censo da População em Situação de Rua – 2021.

GRÁFICO 6 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA POR ETNIA.



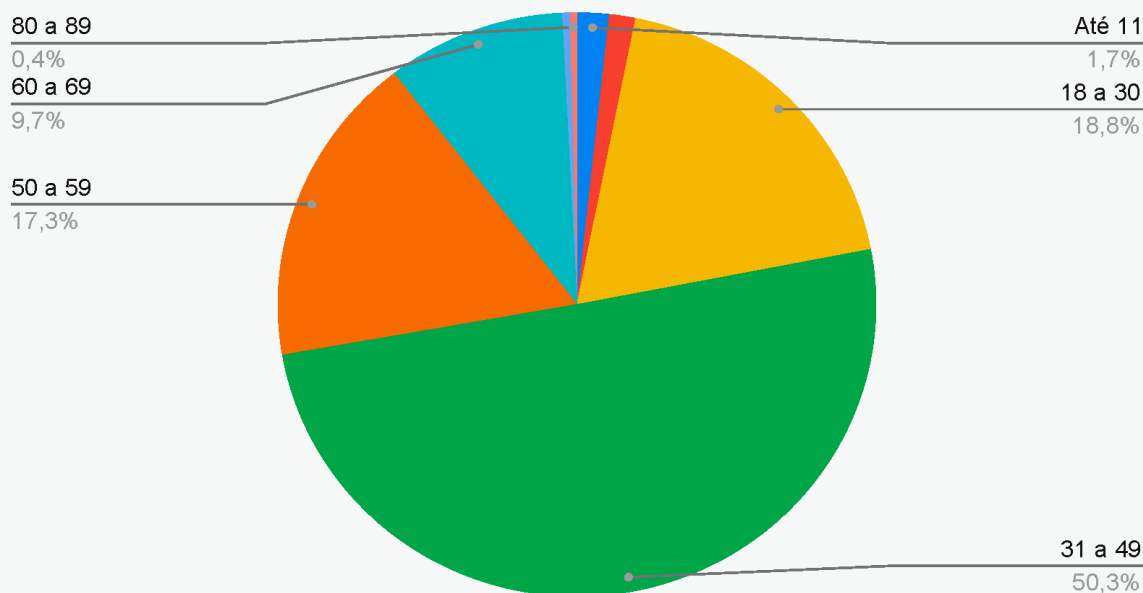
Fonte: Censo da População em Situação de Rua – 2021.

GRÁFICO 7 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA POR TEMPO DE PERMANÊNCIA.



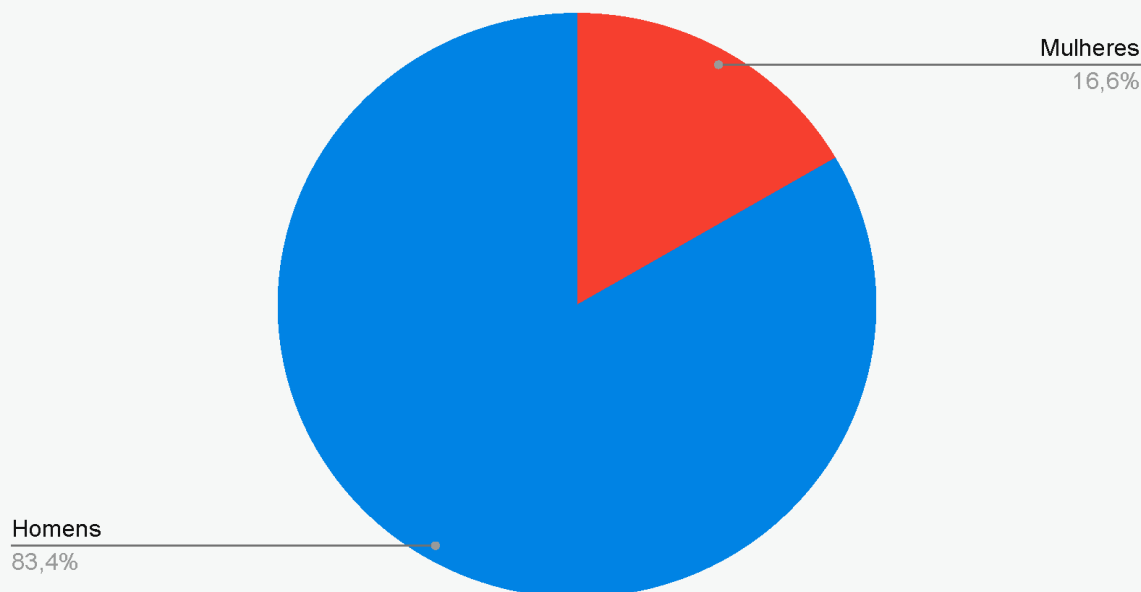
Fonte: Censo da População em Situação de Rua – 2021.

GRÁFICO 8 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA POR FAIXA ETÁRIA.



Fonte: Censo da População em Situação de Rua – 2021.

GRÁFICO 9 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA POR SEXO.



Fonte: Censo da População em Situação de Rua – 2021.

Além de um estudo censitário, o levantamento também traz dados socioeconômicos e uma pesquisa de identificação de necessidades. Entre as 600 entrevistas realizadas nesta seção, a maior dificuldade da rua citada nas respostas foi “Sofrer violências (físicas/não físicas)” (25,5%) e “Dificuldade de acesso a comida/passar fome” (22,5%). Perguntadas sobre suas maiores necessidades, a maioria respondeu “Ter lugar para morar/ficar/abrigo” (26,0%) e “Ter locais para higienizar-se ou lavar roupas” (18,3%).

Cada uma dessas diferentes bases de dados traz insights importantes sobre a população em situação de rua na capital paulista. Vale pontuar que, durante as eleições municipais de São Paulo em 2024, os dois candidatos que foram ao segundo turno disputaram as diferentes fontes desses números: Ricardo Nunes (MDB) utilizando-se do Censo 2021, e Guilherme Boulos (PSOL) dos dados do CadÚnico. A justificativa da prefeitura de São Paulo em usar publicamente o número do Censo é que “os dados do CadÚnico são cumulativos e autodeclaratórios”. Vale pontuar que, ao longo desta pesquisa, pude testemunhar a grande rotatividade diária e semanal do povo da rua, o que torna difícil a sua identificação e contagem, assim como o seu acompanhamento. Ao longo de semanas frequentando os mesmos pontos da cidade, nos mesmos horários, a maioria dos encontros não

se repetiram. Também conheci pessoas que, em uma semana, moravam em um quarto, e, na seguinte, estavam na rua, ou vice e versa. Questões de saúde física e mental e a violência urbana são algumas das razões que pude perceber por trás dessas inconstâncias. Portanto, por esses obstáculos, a subnotificação de pessoas em situação de rua é uma realidade, e por isso possíveis imprecisões da base de dados do CadÚnico podem ser relevadas a nível macro.

1.2 A pesquisa

O período de captação das histórias deste livro-reportagem durou cerca de cinco semanas, durante as quais participei de quatro ações voluntárias de ONGs que acontecem semanalmente nos mesmos horários e endereços de São Paulo, todas no período noturno: Doadores de Alegrias, às segundas-feiras, na Sé; SP Invisível, às terças, no Largo do Paissandu; Pãozinho Solidário, às quartas, no Anhangabaú; e Dando Sopa, às quintas, no Ipiranga. Cinco perfis de personagens foram incluídos neste projeto, dentre aproximadamente mais de 50 encontros com pessoas em situação de rua entre agosto e outubro de 2024.

Ao longo da pesquisa, o principal desafio foi a inconstância e imprevisibilidade dos encontros. Mesmo que muitas pessoas em situação de rua hoje possuam celulares, a maioria daquelas com quem estabeleci contato não contavam com nenhuma forma de contato a não ser a presença física. A ideia de participar de ações que acontecem nos mesmos lugares, semanalmente, foi a única saída encontrada para realizar uma série de conversas com um mesmo personagem, a fim de construir um perfil aprofundado. Porém, também entendi que um prazo estendido, com uma continuação de encontros por mais de quatro semanas, além de não caber no prazo viável de conclusão do trabalho, também torna mais provável o surgimento de algum imprevisto e, portanto, a interrupção da conversa.

O próprio prazo reduzido para a entrega de um Trabalho de Conclusão de Curso contribuiu para que fosse necessária a concentração em um, dois ou três encontros com cada um dos personagens — quantidades que, ao longo do desenvolvimento, se mostraram suficientes para a construção de perfis aprofundados. Vale dizer que a realidade da captação prioriza, natu-

almente, as pessoas com quadro psicológico menos vulnerável. Ao longo da pesquisa, encontrei diversas pessoas que, por questões de saúde, não se encontravam lúcidas e capazes de manter uma conversa. Essa parcela mais crítica da população de rua, portanto, não está incluída entre os perfis deste livro-reportagem, mas vale pontuar que esse grupo de pessoas existe, e sobrevive em grande número nas ruas da cidade.

Os cinco personagens que aparecem neste projeto são heterogêneos em idade, origem e localização: César é um homem paulistano de 55 anos, que frequenta a região do Anhangabaú às quartas-feiras, está em situação de rua há 20 anos e mora em uma pensão na Liberdade com sua mãe, que está acamada; Wellington é um homem potiguar de 67 anos que vive na Avenida Cidade Jardim, no Itaim Bibi, e está em situação de rua há 24 anos; Maria de Fátima é uma mulher paranaense de 64 anos que vive na Ocupação Rio Branco, na República, há quase dez anos; Dona Fátima é uma mulher fluminense de 67 anos que vive na Praça Marechal Deodoro, na Santa Cecília, há aproximadamente quatro anos; e Guerreiro (nome fictício) é um homem paulistano de 56 anos que está na rua, na região do Ipiranga, há dez anos.

Entre essas cinco pessoas, somente uma foi abordada fora de uma ação voluntária de ONGs. Com o andamento das entrevistas, e as viagens para diferentes bairros da cidade, todos distantes da minha casa, senti que seria importante incluir alguma pessoa em situação de rua que vive nos meus arredores, que está nos caminhos do meu dia-a-dia, mas com quem nunca sequer conversei. Foi então que conheci Wellington, e construí com ele uma relação pessoal, sem intermédio de nenhuma ONG. Os demais 4 personagens foram encontrados durante atividades voluntárias.

Entre essas e tantas outras entrevistas realizadas, uma característica encontrada nas conversas é a “fabulação” (Medina, 1995, p. 11 apud Morin, 1973): “A entrevista, evidentemente, se funda na mais duvidosa e mais rica das fontes, a palavra. Ela corre o risco permanente de dissimulação ou da fabulação”. Esse elemento é desmembrado em outras seções do livro de Medina (1995), sinalizando a subjetividade das pessoas como um ponto que não pode nem deve ser deixado de lado, já que, “ao se tratar do Homem, não há como desvincular essa ambiguidade entre o real e o sonho, o objetivo e subjetivo” (Medina, 1995, p. 45).

Ao lidar com o perfil humanizado, se faz presente consciente ou inconscientemente o imaginário, a subjetividade. Como enquadrar nos limites de um questionário fechado, numa cronologia rígida, de uma presentificação radical um personagem que ultrapassa esses ditames? O Diálogo Possível, se acontecer, já contraria esta fórmula. O entrevistado passeia em atalhos, mergulha e aflora, finge e é, sonha e traduz seu sonho, avança e recua, perde-se no tempo e espaço. O repórter, se for um bom curtidor de papos sem limites profissionais, embarca e se deleita (Medina, 1995, p. 43).

A principal fonte de histórias neste livro é a memória de pessoas instigadas a refletirem ou falarem sobre acontecimentos pessoais de décadas atrás. A escritora e ex-professora do Instituto de Psicologia da USP, Ecléa Bosi⁸ (1936-2017), escreve sobre a construção psicológica das memórias no livro *Memória e sociedade: Lembranças de velhos* (Bosi, 2023), que, assim como este projeto, reúne histórias de vida.

As ideias apresentadas por Bosi na obra dialogam muito com a natureza desta pesquisa. Além do conteúdo narrativo, o livro faz uma apresentação minuciosa da teoria sobre a memória, que é de grande valor para se compreender os mecanismos psicológicos envolvidos em uma entrevista de perfil. E, aliás, outra proximidade dos dois trabalhos é a faixa etária — 3 dos 5 personagens deste livro são pessoas idosas, que são o grande tema de estudo da autora.

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” essas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (Bosi, 2023, p. 49).

Assim, é possível captar o mecanismo de criação das “fabulações”, pela camada subjetiva das memórias, que envolvem presente e passado em um caldo do inconsciente humano. Traumas, desilusões e arrependimentos fazem parte da vida de qualquer um, e, no ato de contar sua história, as pessoas têm o poder de reimaginá-la. Na escrita, não eliminei ou sublinhei

8 Ecléa Bosi foi uma psicóloga, escritora e professora do Instituto de Psicologia da USP, doutora em Psicologia Social.

possíveis “fabulações”, pois elas não dizem respeito a ninguém a não ser os próprios entrevistados. Pelo contrário, a subjetividade e imaginação que se mistura na fala de um personagem pode ser o trecho mais íntimo, profundo e real da conversa, mesmo não sendo exatamente verdadeiro.

No processo de escrita, uma preocupação foi transmitir o máximo de cada personagem. Por isso, foi feita a escolha de manter a grafia de acordo com a oralidade de cada um, com seus vícios de linguagem e erros gramaticais. A tese de doutorado *Falares: a oralidade como elemento construtor da grande-reportagem* (2006), de Alex Criado, aborda esse tema.

A incorporação da oralidade no texto jornalístico é fundamental para a construção da identidade dos protagonistas, um dos pilares de um jornalismo humanizado e revelador do real. Entretanto, o registro puro e simples da maneira de falar dos personagens pode levar à estigmatização dos mesmos. Esse impasse pode ser superado se a reportagem conseguir construir os personagens de maneira integral. A questão está, portanto, em saber o que é a integralidade desses personagens. Talvez não haja respostas prontas, mas um caminho possível é permitir que os personagens apareçam na grande-reportagem em suas várias dimensões, sobretudo, no que se refere ao imaginário. Um exemplo disso vem da literatura, com Guimarães Rosa, que incorpora (e no caso recria) os falares dos sertanejos mineiros, sem com isso reduzir a importância desses personagens. Ao contrário, os protagonistas do escritor são dotados de toda a grandeza humana dos grandes personagens da literatura universal. Ou seja, ao incorporar, além da oralidade, o imaginário dos protagonistas, a grande-reportagem estará construindo personagens universais. Personagens estes com os quais cada ser humano pode se identificar, conhecer a si mesmo e ao outro. Desta forma, estaríamos ultrapassando o limite do factual e penetrando nas dimensões do social, da cultura e do mito. (Criado, 2006, p. 26)

Alex afirma que “incorporar as oralidades brasileiras à reportagem é uma missão a que um jornalismo humano não pode se furtar” (Criado, 2006, p. 14). Essa noção é importante em dois sentidos: o primeiro, já falado aqui, de traduzir o entrevistado em sua completude, o que passa essencialmente pela sua maneira de falar. O segundo ponto é o alcance e identificação do texto — as pessoas se sentem representadas quando um texto reproduz a oralidade. Como escreve Medina (1995), citando Nilson Lage⁹:

9 apud “LAGE, Nilson. *Linguagem Jornalística*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1986”

Do ponto de vista da eficiência da comunicação, o registro coloquial seria sempre preferível. É mais acessível para as pessoas de pouca escolaridade e, mesmo para as que estudaram ou lidam constantemente com a linguagem formal, permite mais rápida fruição e maior expressividade (Medina, 1995, p. 86).

Ela ainda completa a fala do autor, dizendo que isto “nem considera a fidelidade ao modo de ser e modo de dizer de determinado indivíduo representado simbolicamente em um perfil” (Medina, 1995, p. 86). Ao ler um dos perfis deste livro, o objetivo é que o leitor tenha o máximo de ferramentas possível para imaginar aquelas cenas, aquelas pessoas, aquelas cores, e, para pintar esse quadro de identidades, a oralidade é um dos principais pincéis.

Como cada personagem tem a sua própria trajetória, não haveria como encaixá-las em formatos e modelos pré-concebidos de narrativa. Cada texto tem a sua particularidade, transitando entre depoimento em primeira pessoa, formato pingue-pongue e narrador-observador. O trabalho mais complexo foi, como qualquer texto jornalístico, chegar à essência de cada encontro; evocando lembranças e, ao mesmo tempo, dialogando com o presente; adentrando no tempo íntimo das pessoas para encontrar subjetividades que não podem ser traduzidas por completo em palavras, mas que, de alguma forma, precisam estar presentes.

Numa técnica não-diretiva, num diálogo aberto e fluido, pela arte de construir a entrevista dentro de balizas, ou leis, que configuram o jornalismo: atualidade, universalidade, periodicidade e difusão. Por mais ambição de historiador que tenha o entrevistador, ele estará implicado em tocar o presente; por mais psicólogo que queira ser diante de um interlocutor confessional, ele terá de se ater a traços significativos para muitas pessoas que, na comunicação anônima, se identifiquem com o entrevistado (peridiocidade); e por mais vanguardista que seja, seus ímpetos de ruptura artística não poderão colidir com a legibilidade da comunicação coletiva (Medina, 1995, p. 19).

Neste território único e rodeado de fronteiras que é o jornalismo, o lugar perfeito para o repórter extrair ao máximo e em estado de pureza a essência do seu ofício, que são as boas histórias, são as ruas. Lugares de passagem, seculares ou não, de asfalto ou pedras portuguesas, as ruas são a matéria-prima inesgotável das notícias dos jornais, dos textos de revista, das reportagens de televisão. É onde se faz o presente, que é salvo diaria-

mente pelo jornalismo, saindo do campo do indecifrável para adentrar na cultura:

As Ciências Humanas maturam a pesquisa do Real e atingem resultados mais aproximados da Verdade; o jornalismo, pela contingência da presentificação e da peridiocidade, informa aproximações mais superficiais, sujeitas a erro, mas, faça-se justiça, salvam o presente histórico da morte; contribuem, por sua vez, com algumas facetas da Verdade possível (Medina, 1995, p. 34).

Contar histórias de pessoas é um jogo de miudezas e grandiosidades, grãos de areia e constelações. Escrever sobre um encontro momentâneo para falar das necessidades, lágrimas e sorrisos de todos os moradores da cidade que não tem um lugar para morar. Como Luiz Antonio Simas¹⁰ escreve, ao citar Walter Benjamin, na abertura do livro *O Corpo Encantado das Ruas* (Simas, 2022):

Walter Benjamin falava em escovar a história a contrape-lo. A importância de atentar para os fazeres cotidianos como caminho para escutar e compreender as outras vozes, além da perspectiva do fragmento como miniatura capaz de desvelar o mundo, é a chave da desamarração do ponto. Benjamin pensava também sobre a importância de o historiador ter pelo objeto de reflexão o interesse do olhar da criança pelo residual: é a miudeza que vela e desvela a aldeia, as suas ruas e as nossas gentes (Simas, 2022, p. 10).

Além dos perfis dos cinco personagens, este livro-reportagem inclui duas outras seções: uma com três entrevistas com pessoas que convivem com ou assistem a população em situação de rua em São Paulo, e outra com uma série de pequenas cenas de outros encontros presenciados ao longo da pesquisa. A primeira parte foi adicionada a partir do contato semanal com voluntários e organizadores de ONGs, o que suscitou uma série de outras reflexões e dilemas que não dizem respeito às pessoas nas ruas, mas a quem se aproxima delas. E a série de pequenos escritos é um exercício de complementar o quadro imagético e subjetivo das ruas de São Paulo que compõem os perfis. Causos, passagens curiosas e outras mais reflexivas não faltaram ao longo da captação.

10 Luiz Antônio Simas é um professor, escritor, compositor e palestrante, vencedor de dois prêmios Jabuti, autor de obras sobre a cultura popular brasileira.

Todo esse material de encontros e memórias também provocou ondas no meu subjetivo e em minha visão de mundo. Na Conclusão, resgato o Diálogo Possível para discutir a efetividade deste conceito na pesquisa.

Antes de seguir com os perfis, detalho aqui a atuação das quatro ONGs das quais participei para a produção deste trabalho. O projeto Doadores de Alegrias acontece todas as segundas-feiras, às 20h, na região da Sé, na esquina da Rua Benjamin Constant com a Rua Quintino Bocaiúva. A iniciativa, que tem mais de dez anos de atuação, hoje é composta por aproximadamente 10 frequentadores, com organização de Rodrigo Gios, o membro mais antigo. A ação é um banco de alimentos, montado na calçada, em que são distribuídos lanches, além de chá e água. Periodicamente, a equipe, que é toda voluntária, também leva doações de roupas e brinquedos.

Às terças, no Largo do Paissandu, acontece uma das ações semanais da ONG SP Invisível. No período desta pesquisa, a ação neste dia aconteceu sempre no mesmo lugar, com início às 19h30, também no formato de banco de alimentos, com distribuição de marmitas. É necessária a retirada de ingressos gratuitos, e existem diferentes funções que os voluntários podem desempenhar. Em todas as minhas visitas, participei da Escuta Ativa, que consiste basicamente em se manter aberto para conversar com as pessoas presentes e escutá-las. Esse funcionamento é similar ao do projeto Pãozinho Solidário, que acontece às quartas-feiras, às 20h30, na região do Anhangabaú. É o projeto com o maior número de voluntários entre os visitados, com cerca de 40 pessoas, e a ação da qual fiz parte acontece ao lado do Theatro Municipal, no mesmo formato de banco de alimentos, e também com a função da Escuta Ativa.

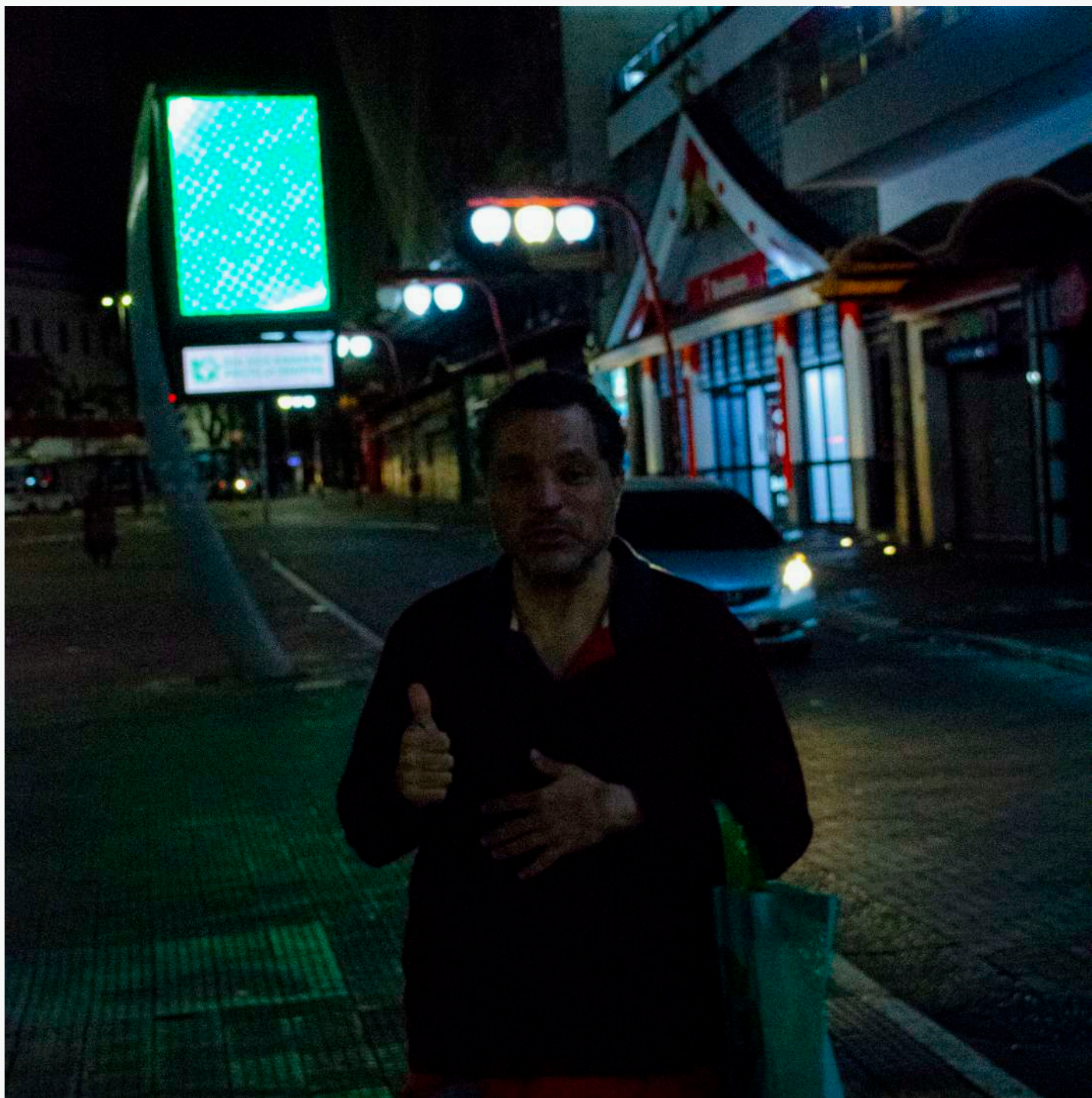
O último projeto da lista é o Dando Sopa, uma iniciativa do Instituto Independência, localizado no bairro do Ipiranga. É a ONG com a atuação mais diferenciada, entre as visitadas: ao longo da tarde, uma equipe faz dezenas de sopas que são distribuídas pela equipe noturna, que se divide em quatro rotas pelo bairro, de carro, realizando uma busca ativa pelas pessoas em situação de rua. Além de sopa, os voluntários também entregam roupas, itens de higiene, chá, pão e água. O grupo noturno se reúne às 19h30 e contribui com a arrumação e preparação para a saída, que acontece entre 21h30 e 22h. Os percursos duram pelo menos 2 horas, portanto as ações sempre terminam de madrugada, e, antes de cada saída, todos se reúnem

e fazem uma oração. O idealizador e organizador é Bruno Luis Leibholz, e, mais que uma ONG, é um grupo de amigos que atua há anos na mesma região e conhece a grande maioria das pessoas assistidas pelo nome.

vozes do
asfalto

A seguir, cinco perfis de pessoas em situação de rua que vivem na cidade de São Paulo, captados entre setembro e outubro de 2024.

2.1 César Augusto



*César, na Praça da Liberdade, no dia 4 de outubro de 2024.
Foto: Tomás Novaes.*

A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR, E A DEUS O QUE É DE DEUS

— Semana que vem, quarta-feira, é dia 9 de outubro. Dia 9 de outubro de 2004 foi o dia em que eu fiquei em situação de rua.

Caio Otaviano (27 a.C.-14 d.C.) foi o primeiro imperador romano. Nasceu em Roma, em um dia 23 de setembro, e governou por 41 anos. Quando nasceu, era Caio Otávio, ou Otaviano. Adotado por Júlio César, passou a se chamar Caio Júlio César Otaviano. Mas, depois, abandonou o “Otaviano”, e passou a ser conhecido como César. Mais tarde, incluiu “Filho do Divino” em sua alcunha. Não satisfeito, fez uma mudança ainda maior: substituiu “Caio” e “Júlio” por “Imperador”, se tornando Imperador César, Filho do Divino. Há quem diga que, antes da sua morte, fez mais uma alteração, a última: Imperador César, Filho do Divino, Augusto.

O que importa nessa história é que, em certo ponto da sua governança, ordenou um grande censo em seu império, o que levou ao deslocamento de um certo José e uma certa Maria, de Nazaré para a cidade de Belém, onde nasceria um certo Jesus. Bom, essa passagem acabaria eternizada na Bíblia cristã, e seria repetida por milhares de anos em missas no mundo todo, inclusive certa vez em São Paulo, na Paróquia Santa Cecília, em abril de 1969. Lá, Conceição, grávida e ainda indecisa para o nome de seu filho, escutaria duas palavras definitivas, proferidas pelo padre: “César Augusto”. Feito.

Pouco mais de 55 anos depois, César Augusto — o paulistano, não o romano — está passando pela Estação Anhangabaú, em uma quarta-feira à noite, a seis dias de completar duas décadas em situação de rua. Não é exatamente uma celebração, nem um lamento, porque, apesar das dificuldades, dos sofrimentos, das tristezas dessa realidade, César pinça um motivo para comemorar: “Eu não passei fome um dia sequer”.

— Fiquei quase sete anos na Porto Seguro (companhia de seguros), tive síndrome do pânico, depois fiquei sabendo que era o tal do Burnout. Me demitiram e por isso fiquei em situação de rua. Eu ganhava dois salários mínimos, tinha vale alimentação, vale refeição, plano de saúde. Quando entrei em situação de rua, pensava que ia passar fome, mas o que vi foi uma fartura enorme. De 2004 até 2008, eram muitos grupos e igrejas, ONGs, comunidades de

bairro, e era muita comida. Carne de panela, bife, frango assado, refrigerante, sobremesa. Com três meses, precisei começar a fazer regime.

César carrega uma sacola e veste um moletom cinza gasto. Dentro da sacola, o principal são os muitos lenços para assoar o nariz. Ele tem uma rinite crônica, que se desenvolveu ainda pré-adolescente.

— Nós moramos em pensões desde 1980. Eu não morava junto com a minha mãe, porque ela era empregada, morava no emprego, e as patroas não queriam empregadas com filho. Então ela pagava famílias para cuidar de mim. Mas a última dessas famílias não podia mais ficar comigo, então ela decidiu trabalhar de diarista, e alugou um quartinho para a gente. Essa primeira casa era antiga, e uma parte dos quartos era construída no quintal. Esse quartinho era muito espremido, era cama de solteiro, eu dormia na parede, ela na beira. Quando chovia, com a telha rachada, caíam gotas de água na cama. Esperávamos parar para deitar, mas a cama ficava molhada, e a gente dormia ali. A friagem daquela umidade me deu um problema no nariz. Entrou ano, saiu ano, adolescência, fase adulta, acostumei. O interessante é que, quando fiquei em situação de rua, foi até bom. Na rua, você encontra uma cidade feia, suja e fedida. Tenho a impressão que hoje é um benefício, porque boa parte dos cheiros eu não sinto.

Uma vez demitido, eram só César e Conceição no mundo, sem ganhar-pão para pagar o aluguel do quarto que moravam. A mãe, que trabalhou a vida inteira como doméstica, enfrentava a burocracia para conseguir sua aposentadoria, visto que, apesar do registro na carteira, os patrões não pagaram devidamente o INSS. E, a cada visita à agência, era uma nova desculpa para não receber o LOAS (o Benefício de Prestação Continuada – BPC). Decidiram sair de São Paulo.

— Minha mãe não queria ir embora, porque ela é mineira, e veio moçinha. Ela se apaixonou pela cidade, porque viveu aqueles anos do Roberto Carlos, Jovem Guarda, ficou fascinada com o centro. “Alguma coisa acontece no meu coração/Que só quando cruza a Ipiranga e a Avenida São João”. Isso que o Caetano canta na música é o que ela sentia, uma paixão pela cidade. Ela relutou e relutou,

até que aceitou. Um dia, assistindo televisão, no Globo Repórter, passou uma reportagem sobre Alto Paraíso de Goiás. Fiquei maravilhado e disse: “Mãe, é para lá que nós vamos”. Em abril de 2002, saímos para Goiás. Mas você sabe que a televisão engana, né. Quando chegamos lá, vejo a cidade, conheço as pessoas. Nesse caso, foi exatamente o contrário: era melhor ainda do que tinha visto na reportagem.

Quando pisou no pequeno município, o nariz de César limpou, a rinite sumiu. Ele chora ao falar da cidade goiana, onde morou por cerca de dois anos. Lá, conseguiram resolver a questão do BPC, e Conceição passou a receber o seu benefício mensal ininterruptamente, até hoje. Mas a aventura teve de ser interrompida por questões de saúde da matriarca, que passou a necessitar de cuidados médicos em São Paulo. De volta, em outubro de 2004, começou a saga dos últimos 20 anos de César e Conceição em situação de rua. Quando pisou de volta na capital paulista, o nariz de César imediatamente congestionou. Para ele, o tempo em Alto Paraíso foi uma experiência espiritual, de paixão pelo lugar. Mas, perguntado se voltaria, ele diz que não.

— Mesmo que não acontecesse aquilo com a minha mãe, eu teria que voltar para São Paulo, a contragosto. É uma questão kármica, que eu vou ter que karmar aqui. É essa coisa desagradável. Eu amo São Paulo, nasci aqui, mas não gosto da cidade. Se você, por exemplo, dar uma de machão, bater de frente com a espiritualidade e voltar para lá, não vai dar o que presta. O amor pode virar até um ódio, uma desgraça. Mas, para entender isso, precisa ter maturidade. Estou com 55 anos, mais do que maduro para entender isso. Embora me doa o coração.

Nessas duas décadas em trajetória de rua, César continuou morando em pensões com sua mãe, que, desde 2014, está acamada. Há quatorze anos, os dois estão instalados em um quarto na Rua Mituto Mizumoto, na Liberdade. Todas as semanas, de terça, quarta, quinta e sábado, César pode ser encontrado na região da Boa Vista, ou no Patriarca, ou na São Bento, onde busca as refeições para ele e Conceição.

— No meu caso, minha mãe tem um salário mínimo, mas o aluguel leva praticamente tudo. Para nós, o que sobra dá para comprar pa-

pel higiênico, que não dá pra ficar sem. Sabão, para lavar roupa. Ela não pode ficar sem café, senão tem dor de cabeça, então temos que comprar açúcar, café e leite em pó. O que sobra dá para fazer isso.

Na rua da pensão, no número 301, fica a Loja Teosófica Liberdade, uma das sedes da Sociedade Teosófica em São Paulo, da qual César é frequentador há treze anos. Nossa segunda e última conversa começou nesse espaço, em uma noite de sexta-feira, antes e depois de uma palestra sobre budismo. O salão, com chão e móveis de madeira e uma pequena biblioteca, tem as paredes decoradas com pinturas de Helena P. Blavatsky (1831-1891) e Henry S. Olcott (1832-1907), fundadores da Sociedade Teosófica, e outros quadros com diagramas, linhas do tempo e símbolos do estudo esotérico.

— Por que teosofia? Vem do grego, Teos é Deus e Sofia é sabedoria. Sabedoria de Deus, sabedoria divina. Todas as religiões são desdobramentos da sabedoria divina. A diferença é que as doutrinas falam mais da teologia, que é como uma filha da teosofia. Boa parte do saber teosófico está nos livros esotéricos, mas não significa que é tudo, porque tem uma parte que ficou fechada, secreta. Quando vamos falar do universo, tem coisas que, para nós, na nossa humanidade, não compreendemos. Mesmo no nosso sistema solar, nós não somos nada. Então você vê, a tradição das religiões da Índia costumam falar o seguinte: se Deus tem um corpo, o corpo dele é justamente o universo, a parte física. Nós estamos dentro de Deus, ele sente tudo através da gente. O que você está sentindo, o que eu estou sentindo, o que o bebê que nasceu agora está sentindo, os velhos que estão morrendo, os que ainda não morreram, os que estão com saúde, jovens, adolescentes, tudo de bom, tudo de ruim, ele sente. Inclusive a gente pode usar o nosso corpo humano como uma analogia. Da mesma forma que lá dentro tem um monte de bactérias vivas, morrendo, nascendo e evoluindo, é assim esse universo que é o corpo de Deus. Então nós, quem sabe, seríamos bactérias, nessa comparação.

Inteligente e curioso, entusiasta pelas etimologias das palavras, César fez a maior parte das perguntas da palestra. Quando saímos, perguntei se a teosofia lhe deu ferramentas para enfrentar a trajetória de rua.

— A sabedoria divina, ou a palestra de hoje, para quem estiver em situações críticas, se a pessoa entender e tiver a humildade de aceitar, é uma benção e um alívio. A pergunta é: quer dizer que eu vou viver em um mundo de fantasia e aceitar o sofrimento? Não, é entender que uma boa parte das coisas da vida você não vai conseguir alterar. Você vai aprender a sobreviver, a conviver com aquelas coisas, por mais desagradáveis que elas sejam. Nesse sentido, as religiões, a teosofia, tudo que é filosófico ajuda bastante. Porque não adianta você ficar revoltado. É aquela expressão, não sei se hoje está se usando, mas os antigos falavam muito: “Fulano está dando soco em ponta de faca”. Ou seja, vai piorar mais a situação. Quer dizer que você não vai sofrer nada? Não. Vai ter um sofrimento, mas já ajuda bastante. Qual é a função da sabedoria? Chegar nesse bom senso das coisas. A sabedoria não tem por objetivo te livrar de todos os males. É aquela coisa: “Dos males o menor”. Os antigos falavam muito isso. Você não vai resolver todos os problemas. Você no máximo resolve um tanto, quando consegue. A vida tem altos e baixos, não interessa se você for milionário, poderoso, você também vai ter. Quem sofreu muito sabe do que eu estou falando.

César me ensina um novo nome para o povo de rua: “boca de rango”. E conta que já quase foi linchado no Pátio do Colégio, por um mal entendido com uma gangue de rua. Fala sobre o que anda percebendo sobre a cena de uso da droga K9, que deixa jovens como zumbis pelas calçadas. Diz que já viu e ficou sabendo de muitas coisas ruins, como homens se esfaqueando por lugar na fila da comida, ou pessoas agredindo voluntários que entregam alimentos. E relata que passou por pensões horríveis com sua mãe, e vem enfrentando problemas na moradia atual, por conta de novos moradores que desrespeitam as regras de convivência. Mas volta a dizer que, apesar de tudo, nunca passou fome. “Eu brinco com os colegas de rua o seguinte: São Paulo é uma madrasta, mas é uma boa madrasta”.

— Hoje em dia, quando faço o balanço, se Deus perguntasse: César, o que você quer, ficar em situação de rua como você está há 20 anos, ou ficar na situação de alguém cujo salário é apertado para o aluguel e vive em uma angústia para se manter? Prefiro os meus 20 anos de rua, que não passei fome um dia sequer.

Após horas de conversa e uma caminhada até a estação do metrô Liberdade, fiz uma última pergunta para César, que imaginei que ele iria gostar: pedi para me explicar a etimologia do seu nome.

— Fui fazer um curso, já em situação de rua, para ser Testemunha de Jeová. O professor me disse: seu nome significa líder. César não era o nome dos imperadores, César, na verdade, era o título deles. Inclusive Augusto também era outro título, assim como Máximo. César significa líder, e quem pôs esse título foi o próprio povo romano. Os outros títulos iam sendo agregados, a cada guerra que tinha. Mas foi o povo de Roma que decidiu chamar o imperador, que governava eles, de César.

Antes de seguirmos por caminhos diferentes, César ainda explicou a origem do meu nome. No metrô, pensei em Roma, Alto Paraíso de Goiás, São Paulo, Conceição, César, Augusto, e outras tantas coisas que não dá para nomear.



*Vista da Rua Galvão Bueno, e retrato de César, em 4 de outubro de 2024.
Foto: Tomás Novaes.*

2.2 Maria de Fátima

Conversei com Maria de Fátima — uma moradora da Ocupação Rio Branco que nunca dormiu na rua —, na noite do dia 9 de outubro, nos fundos do Theatro Municipal de São Paulo. Escrevo aqui o seu depoimento, em primeira pessoa.



Maria de Fátima, sentada em um banco em frente ao Theatro Municipal, no dia 9 de outubro de 2024. Foto: Tomás Novaes.

LAMPARINAS E METRÔS

Cresci em Minas, mas nasci no Paraná. Vim pra cá quando ia fazer 18 anos. Lá se chama Claro dos Poções, próximo de Montes Claros. Fui pra Belo Horizonte trabalhar, quando completei 13 anos. Por-

que meu pai, ele tinha muitos filhos, muita criança lá, sabe? Era como uma escada, eu era a do meio: tinha uma escada acima e uma escada abaixo. Minha mãe teve 17 filhos, mas morreram três pequenos, recém nascidos. E aí conseguiu criar quatorze. Muita gente. Meu nome é Maria de Fátima Silva Rosa, meu pai é Adão Manoel da Silva e minha mãe Juliana Rosa da Silva.

Meu pai era lavrador. Minha infância foi na roça mesmo. A gente tinha uma situação de vida um pouco difícil, mais por conta de ser muitos irmãos, né. Minha família é humilde, né. Trabalho desde que me conheço por gente, na roça e ajudando a cuidar dos menores. Os maiores vão ajudando a cuidar dos menores. E quando vai ganhando o tamanho que dá pra trabalhar, vai trabalhar na roça. Até oito anos eu trabalhava ajudando a cuidar dos meus irmãos, aí quando fiquei grande, com nove, comecei a trabalhar na roça.

Na roça, é corrido o trabalho, mas a vida é sossegada. Era tudo natural, a única coisa que comprava era o sal, mas o resto tudo era feito. Tinha que moer a cana pra fazer rapadura, criava-se porco, matava e tirava a banha pro óleo. Pra quem não viveu parece uma vida de índio, e era. Até a bucha era natural, o sabão. Remédio, a maioria caseiros. Na cidade não tinha essas coisas. Naquele tempo não tinha luz elétrica, a gente usava lamparina. Pra mim estudar, me dedicava muito, porque era comprado o querosene, e tinha uma lamparina na sala, clareava a sala; outra lamparina ia pra cozinha, pra clarear a cozinha; e outra lamparina pra precisar ir num quarto, pra alumiar tudo. Eu trabalhava e ajudava na roça, e pra fazer lição de casa, só sobrava a noite. Então se usasse querosene pra mim fazer a lição de casa, faltava... tinha que guardar o querosene para dar pro mês. Muitas vezes eu tinha que fazer com o claro da lua. E dormia muito cedo, porque acordava muito cedo, cinco horas já tinha que acordar. Vida no interior é assim, mas era gostoso. Os legumes a gente plantava, a água era buscada no rio, no riacho, armazenada em um pote de barro, o queijo, o frango não comprava, ovo não comprava, leite, essas coisas.

Meu pai pegou muita lavoura, então ficou muito endividado no Banco do Brasil. Aí teve que vender a propriedade que tinha, foi

morar na cidade. Na cidade, a gente estudava, mas quando dava muito serviço na lavoura, a gente deixava a escola e ia ajudar. Depois meu pai conseguiu arrendar uma terra e a gente voltou a morar na roça. Era a terra de um senhor que tinha falecido, que era matador de aluguel.

Ficou um local mal-assombrado, abandonado. Ninguém tinha coragem de morar lá, e o mato cresceu muito. Aí meu pai, que era corajoso, foi conversar com o padre, que foi e benzeu a casa. O pessoal ainda ficou perguntando como é que a gente morava lá, na casa do Manuel — porque ele chamava Manuel Capeta. Ele morreu em uma situação meio de abandono, porque era matador, e ninguém tinha coragem de se aproximar muito. Diz que tiveram que chamar um padre pra ele confessar, porque ele tinha muitas mortes nas costas. Ele matava por um prato de comida. Diz que bastava fazer um prato de comida bem feito, amarrar num pano, dar pra ele e ele ia fazer a encomenda. Naquele tempo a vida era muito difícil, a vida dele também devia ser tudo muito difícil.

Quando cheguei em São Paulo, o metrô tava começando, só tinha a Linha Azul. Tava novinha, você entrava no metrô e tava cheirando a borracha. Vim pra cá com uma família italiana. Eles foram pra Belo Horizonte fundar a Fiat Automóveis, e quando encerraram o trabalho deles, foram embora. Eu trabalhava na casa deles como empregada doméstica. À noite eu ia pra escola, terminar os estudos. Depois eu mudei daquele pessoal, fui trabalhar com outra senhora, e consegui uma bolsa em um colégio em Moema, onde eu terminei o ensino fundamental e depois o médio. Hoje lá é a estação de metrô de Moema. Eu escrevia cartas pra minha mãe. Às vezes ela não tinha nem papel para escrever, tinha que estar pedindo. Eu escrevia e dentro do envelope eu já colocava um outro envelope, com um selinho dentro, pra, quando ela escrevesse, me mandar a resposta. Selo naquele tempo era difícil comprar, pra quem morava na roça. Levava mais de um mês pra receber. Hoje em dia você liga lá pro Japão, demora um pouquinho e já reclama.

Tive um filho, o meu mais velho. Só que meu marido era muito violento comigo, e eu tinha que depender porque ele ajudava a pa-

gar aluguel. Não posso viver a vida que a minha mãe viveu, porque meu pai era muito violento. Batia na minha mãe, batia na gente. Não sou obrigada, hoje os tempos são outros, não vou, só porque tenho filhos, viver apanhando. Não quero. Preferi separar. Depois conheci outra pessoa, tive minha filha, depois de 7 anos. Depois eu tive um outro filho, mais 7 anos depois. Hoje, todos tem família também, já saíram de casa.

O mais velho tá fazendo 38 anos no dia de hoje. Me chamaram, tinha bolo, mas é no Butantã, no meio da semana, amanhã cedo eu trabalho. A do meio vai fazer 31. Tem filho, mora no Grajaú, agora montou num bazar. Ela fez curso de cozinha, é chef de cozinha, mas é uma vida muito cansativa, então ela montou um bazar, uma loja, e tá muito feliz. E o caçula me deu muito trabalho, porque, quando ele ia fazer dois anos, o pai fez uma atrocidade: ajudou a esfaquear um homem. Eu morava no Grajaú. Dizem que o homem morreu de muitas facadas, e ele foi embora pra Pernambuco. Fiquei em um estado de horror, uma situação muito difícil. Deixei minha irmã levar o caçula pra Belo Horizonte. Só que ela se apegou a ele, né? Então ele vinha, ficava um tempo comigo, ela começava a reclamar, eu deixava ele ir. Pelo menos as férias vinha passar comigo. Lá ele cresceu, ia pra uma igreja protestante, tocava bateria, e o colega principal da igreja saiu e acabou se envolvendo com essas coisas de droga. E ele acabou envolvendo também. Quando ele começou a dar trabalho mesmo, ele veio, minha irmã já não quis mais ficar com ele. Ele estudava aqui no Roosevelt, mas começou a se envolver com a turma da escola que estava começando a iniciar coisa errada, e acabou sendo preso um dia. Me trouxe tristeza, dificuldade e tudo. Foi uma situação que abalou, desestruturou bastante. Mas graças a Deus saiu, tá trabalhando, já arranjou família.

Eu morava no Cantinho do Céu, em um barraco que eu fiz lá perto da Represa Billings. Os meninos eram pequenos. Consegui por eles na escola, e eu trabalhava, porque, como o pai do mais novo foi embora, tive que criar eles sozinho. Não tive coragem de enfrentar a vida e me envolver com outro homem. Criar eles sozinho foi muito difícil. Quando eles cresceram, era um lugar muito perigoso. Meu filho mais velho é preto assim, que nem eu, e os meninos

pretos lá sofriam muito mais. Os policial maltratava muito, um dia maltratou muito ele, eu fiquei muito triste, pensei em me mudar dali, pra não matarem ele. Pensei em entregar esses policiais, ir na defensoria, só que ele não quis falar, disse que poderia ser pior. E, realmente, depois que eu fui me informar, conversar e tudo, realmente ia ser pior.

Tem quase 10 anos que eu tô na Ocupação Rio Branco. Lá é sossegado, a maioria de lá trabalha, os filho estuda. É do MSTC, uma das ocupações que são mais organizadas. Tem uns quartos com banheiro, e três banheiros coletivos. A gente vive, mas dizer gostar, não é uma vida boa não, é muito complicado. Diz que vai sair os apartamento, faz tempo que eu tô na fila. Dizem que estão fazendo na Bela Vista, perto de onde era a sede da Vai-Vai. Acho que tá em construção, recolhendo os documentos. Vai encaminhar uma parte do povo pra lá, os mais velhos da ocupação. Agora eu estou trabalhando nesse negócio que se chama POT, peguei varrição de rua. Tem varrição de rua e de praça, chama zeladoria de quarteirão, né? Cada dupla pega um quarteirão pra varrer, para zelar. São quatro horas de trabalho, e não trabalha fim de semana. Não é um serviço pesado. Eu entrei porque vou fazer uma cirurgia, antes eu tava fazendo bico, cuidando de idosos em uma Cohab no Pari. Tenho diabetes e sou hipertensa, então tomo muito remédio. Já fiz os exames pré-operatórios. Nunca precisei morar na rua, graças a Deus. Venho pra cá pegar janta porque facilita pra mim, ganho pouco e não posso ficar perdendo meu tempo fazendo comida.

É um movimento pra denunciar muito prédio que tá parado, enquanto tem muita gente morando na rua. Muita gente pagando aluguel muito alto e muito prédio vazio. Tem uma pessoa só na cidade que tem 40 prédio vazios. Essa ocupação é organizada, pra denunciar esses prédio vazio que tão devendo. Aí não é invasão, é ocupação. Fim de semana geralmente vou no Grajaú, casa da minha filha, ou na casa dos meus filhos. Tem um que mora aí na Luz, né, outro no Butantã, que tá fazendo trinta e nove anos. Não, trinta e oito pra trinta e nove. Tô ficando velha e esquecendo a idade. Hoje eu tenho 64 anos, tô sozinha, porque meus filhos formaram família e saíram. Em dezembro a família toda vai pra Minas. Pras

cachoeiras, refrescar. No Natal reúne todo mundo. Graças a Deus tá tudo bem.



Vista do Vale do Anhangabaú, e retrato de Maria de Fátima, no dia 9 de outubro. Foto: Tomás Novaes.

2.3 Wellington



*Wellington, na Avenida Cidade Jardim, no dia 8 de outubro de 2024.
Foto: Tomás Novaes.*

TU AINDA LEMBRA?

Uma manhã quente de setembro na Avenida Cidade Jardim, um primeiro encontro. Um homem barbudo, grisalho, está sentado na calçada.

— Bom dia, tudo bem? Você aceita uma água, irmão?

— Ô, aceito.

— Aqui. Qual o seu nome? Prazer, me chamo Tomás (estendo a mão).

— Prazer, Wellington.

— Wellington?

- Isso, Wellington.
- Tá calor hoje, né, Wellington.
- Sim, demais.
- Posso te ajudar com mais alguma coisa, cara?
- Um cobertor. Tenho esse só.

Uma noite fria de setembro na Avenida Cidade Jardim, uma segunda conversa entre muitos e altos sons de automóveis. Wellington está deitado no chão, completamente coberto, sendo visível somente a sua silhueta. Ao lado, um ponto de ônibus.

- Boa noite, Wellington? Tudo bem, irmão? Não sei se você lembra de mim. Te encontrei há alguns dias. Como você tá?
- Tá indo, cara.
- Tá frio, né, hoje. Desculpa te acordar, você tava dormindo?
- Não tava não. Tu mora aqui perto mesmo, é?
- Sim, aqui do lado. Wellington, você se importa se eu fizer perguntas sobre a sua história?
- Não, peguei a estrada... deixei a família e peguei a estrada.
- Mas você nasceu aonde?
- Nasci no Rio Grande do Norte, na capital, em Natal. E me criei em Esperança, na Paraíba. Vim pra São Paulo com 17 anos de idade, cara. Com a minha família, arrumei emprego, trabalhei muito. Aí depois eu resolvi pegar a estrada.
- E para onde você foi?
- Andei muito. Todo o estado de São Paulo, Campinas, Pirapora, Americana. Conheci tudo, a pé, na estrada.
- Porque você decidiu fazer isso?

— Deu vontade. Depois voltei ainda pra casa, fiquei um tempo com a minha família, e depois resolvi seguir estrada. Aí meus irmãos se casaram, todos ficando velhos, e eu coloquei o cobertor nas costas e segui estrada. Fiquei 10 anos na Paulista e 14 anos aqui na região. Tô há 24 anos assim. Mas agora tô com um problema, dores terríveis, nas costas, nos ossos. Eu andava demais, agora não ando mais. Dores terríveis.

— Você já foi atendido em algum posto?

— Fui, eu tava no médico, no hospital, mas eu saí. É uma dor na bacia, aqui atrás. Nos ossos, nos braços. É mano, tem vez que passa, some. Dor nos ossos, dor terrível. Faz um ano que começou esse negócio. Eu andava muito, dia e noite.

— Será que foi isso, andou demais?

— Andei demais, demais.

— Quantos anos você tem hoje, Wellington?

— 67, cara. Meu nome é Wellington Alcides Seabra.

— Você tem filhos, Wellington?

— Deixei uma filha, ela com 11, 12 anos, deixei com a mãe.

— E você nunca mais viu ela?

— Nunca mais.

— Você se importa se eu perguntar sobre os seus pais, o nome deles, o que eles faziam?

— Orlando e Maria. Meu pai era marceneiro.

— E porque você veio para São Paulo?

— Vim pra cá com a família, pra trabalho, pra arranjar emprego. Trabalhei muito. Várias firmas. Marcenaria, principalmente, depois fiz confecções de roupas. Expedição, corte. Antes da rua era faxineiro num bar, ali na M'Boi Mirim. Morava lá no bar também.

— E com o quê você mais gostou de trabalhar?

— Com confecção. Eu morava com a minha família. Trabalhava. Depois peguei a estrada sozinho, a gente se separou, cada um pra um lado.

— Você ficou sozinho, então?

— Sozinho. Ó aqui eu, sozinho, sem ninguém não. De vez em quando faço amizade com carroceiro, mas sempre sozinho, mano.

— Você bebe, Wellington?

— Eu bebo, bastante, todo dia (inédito: um sorriso). Se me der dinheiro, eu bebo.

— E Wellington, você tem religião?

— Minha religião é a sociedade.

Uma manhã de outubro na Avenida Cidade Jardim, uma terceira conversa entre muitos e altos sons de automóveis. Wellington está de pé, andando na calçada. Seguimos na mesma direção.

— Wellington?

— Tudo bem, Tomás.

— Como você tá?

— Do mesmo jeito, cara.

— Dormiu aí, hoje?

— Dormi aqui. Acordei agora.

— Aceita um queijo quente?

— Ô, legal, cara (pega o saco plástico).

— Wellington, eu consigo te ajudar com alguma coisa?

— Tá bom, tudo bem. Só um lugar pra morar.

Uma noite de outubro na Avenida Cidade Jardim, uma quarta conversa entre muitos e altos sons de automóveis. Wellington está deitado no mesmo canto do ponto de ônibus.

— Boa noite, Wellington? Desculpa te incomodar. Aceita um queijo quente, uma água?

— Opa. Aceito.

— Como você tá?

— Tô indo. E você?

— Indo também. Todo mundo indo. Tava bom aquele queijo quente, daquela vez?

— Legal. Legal, cara. Tá indo, né mano. Espero algum dia ter um lugar pra morar.

— E aquela dor que você estava sentindo?

— Eu tenho, tenho. Agora passou. Mas ela volta. É uma dor terrível. Você não consegue se levantar. (pausa silenciosa) Tu mora por aqui, meu?

— Aqui do lado.

— Apartamento e tudo?

— Apartamento.

— Você está estabilizado, né? Tem seu apartamento, tem seu quarto privativo?

— Uhum.

— Tem?

— Tenho um quarto, sim.

— Privativo, seu?

— Meu.

— Muito bem. Pô.

— É seu sonho?

— Isso. Um quarto meu, só meu. Privacidade.

— Há quanto tempo mesmo você não tem um quarto seu?

— Há uns 25 anos. 25 anos.

— Muito tempo, Wellington.

— É. Muito tempo.

— E como você acha que vai sair dessa?

— Tem um pai, um Criador, né.

— Você acredita muito em Deus?

— Lógico, meu. Cê é doido. É o criador, que criou tudo. Que criou o animal para nós ter o leite. Que criou a água pra nós tomar. Ele criou a água, né.

— Você me falou que nasceu em Natal e cresceu em uma cidade chamada Esperança, é isso?

— Tu ainda lembra, mano?

— Claro.

— Nasci em Natal, me criei em Esperança.

— Você gostava de Esperança?

— Lindo, linda cidade. Minha meninice foi em Esperança.

— Você tem saudades de lá?

— É infância, né. Era moleque.

— E hoje você tem esperança de sair dessa situação?

— Esperança. Infância (silêncio).

— Você tinha comentado comigo também que os seus documentos estão lá no CAPs da Vila Leopoldina, né?

— Tu lembra tudo, mano?

— Claro.

— Ficou tudo lá, identidade, CPF. Tá tudo lá. Eu saí nervoso, xingando. Fui embora, deixei tudo, mano.

— Por que você saiu xingando?

— É muito difícil viver ali, não tinha como. Aí peguei e saí fora.

— Mas lá tinha lugar para dormir, né?

— Tem lugar pra dormir, tem tudo. Comida, tudo. Mas eu não fiquei legal. O astral não é legal não.

— Você saiu de lá e veio pra cá, é isso?

— Foi, vim. Saí mesmo, peguei o busão lá, e não voltei mais. Veio as minas aqui da assistência social, conversaram comigo, recentemente. Legal, falaram comigo: “Você não quer uma caminha pra dormir gostoso?”. Falei: “Não, senhora”.

— Por que que você não quis?

— Não quis não. Tô sossegado aqui. Tá difícil, meu. (pausa silenciosa) Vou comer um pedaço.

— E você prefere dormir aqui ou ali, onde te encontrei aquela vez?

— Aqui é muito barulho, mas tudo bem. Porque é melhor, tem mais gente. Eu tenho medo da morte, meu. Acho que alguém quer me matar.

— Você acha isso, Wellington?

— É, alguém quer me matar.

— É um pensamento que vem?

— É, vem, eu sinto alguém me matando.

— Sério?

— É, meu.

- E aqui, você se sente seguro?
- Nem fica mais seguro, vem em pensamento. É pensamento. Tá difícil, meu. Tá difícil pra caralho. Alguém querendo te matar.
- Alguém já te agrediu na rua?
- Não, uma vez me agrediram mas outro me defendeu.
- Wellington, você comentou comigo que teve uma filha, né?
- Tive, tá lá com a mãe dela, tá grande já. Só tive uma filha. Deixei ela com 11 anos de idade, por aí.
- Você tem irmãos, né?
- Tenho, cara. Todos vivendo a vida deles. Eu saí fora, meu. Peguei a estrada. Minha irmã, meu cunhado. Eu saí faz tempo.
- Eles nem sabem que você está aqui?
- Sabem nada.
- Ninguém da sua família sabe?
- (negativo com a cabeça)
- E você gostaria que soubessem?
- Gostaria. Seria uma alegria pra mim.
- Não sei se o senhor lembra, mas eu comecei a conversar com você porque eu estou escrevendo um livro. Você lembra disso?
- Você falou, de histórias de pessoas que vivem na rua.
- Eu posso contar a sua história?
- Pode.
- Quando é o seu aniversário, Wellington?
- Primeiro de junho de 1957, meu nascimento. Aí tô agora com 67 anos. Pelas contas, né.
- Aqui tem uns carroceiros, mas você não tem muito contato com

eles, né?

— Não tenho não, contato com ninguém. Minha vida é sozinho.

— Você sempre gostou um pouco de ser sozinho?

— Gostaria de uma mulher (sorri, pela segunda vez). Uma amiga, né? Mas não tenho.

— Faz tempo, Wellington, que você não tem uma namorada?

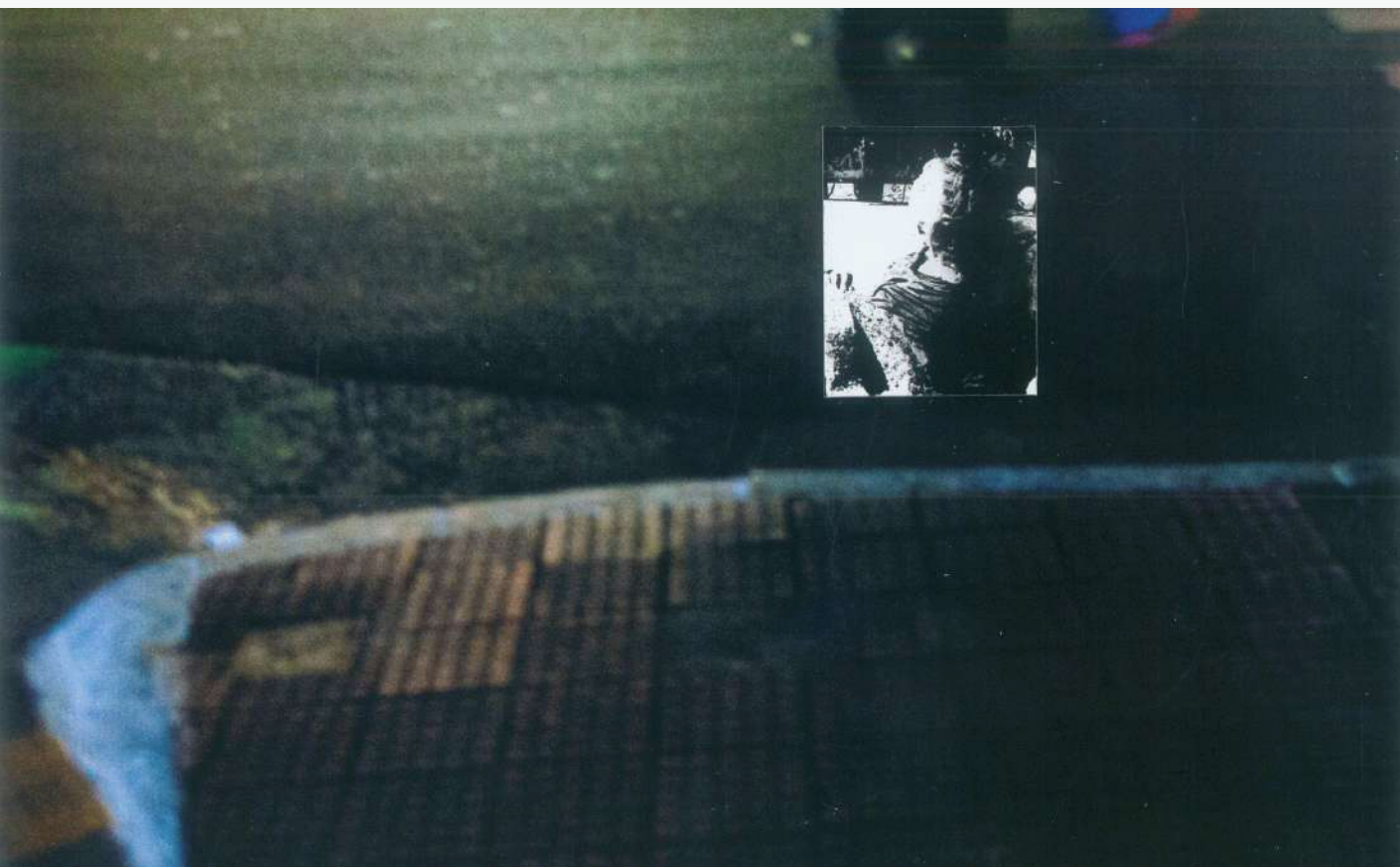
— Tempo. Muito tempo. Mas tá tudo bem, tá indo, né.

— Tamo aqui ainda, né? Pelo menos.

— Ô.

— Tenho certeza que a sua vida vai melhorar.

— Vai, vai. Tenho fé em Deus que vai.



*Wellington, na Avenida Cidade Jardim, no dia 8 de outubro de 2024.
Foto: Tomás Novaes.*

2.4 Dona Fátima

— Tô ocupada.

— Depois a gente troca ideia, beleza?

— Bom dia!

— Não, não tô cuidando de nenhuma doação agora.

Ao longo das três horas de conversa, muitas foram as vezes que fomos interrompidos por algum transeunte que abordava Dona Fátima. Estávamos sentados em um banco na Praça Marechal Deodoro, na Santa Cecília, na manhã de uma sexta-feira de setembro. Em certo momento, dois rapazes passaram e perguntaram se nós tínhamos celulares, dizendo terem sido roubados. Dona Fátima de prontidão respondeu que não, e os encarou até eles saírem. E disse:

— Não são daqui. Tanto é que parou sem me conhecer. Não é da redondeza, de canto nenhum.

A conheci através das ações da ONG SP Invisível — às quartas, de noite, o grupo faz uma ação exatamente naquela praça. Desde a primeira vez que escutei o nome de Fátima, a palavra “líder” normalmente estava acompanhada. Dona Fátima assume a linha de frente daquele grupo de pessoas em situação de rua, ajudando a regularizar documentos, limpar a praça, e mais. À noite, dorme em sua barraca embaixo do Minhocão. Durante o nosso papo, disse coisas que nunca contou a ninguém, e chorou mais de uma vez entre os tragos no seu tabaco Juriti. Em seguida, um pouco do que escutei.

A MULHER DE MIL FILHOS

Fátima Braz, 67, nasceu em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Está na rua há cerca de quatro anos. Tem raízes israelenses na família paterna, e sua mãe faleceu cedo — eram dois irmãos de cada lado.

— Eu sempre fui a ovelha negra da família.



Dona Fátima, sentada em um banco na Praça Marechal Deodoro, no dia 4 de outubro de 2024. Foto: Tomás Novaes.

Passou a juventude em Piracicaba. Fátima é ativista política desde pequena, e sempre questionou as autoridades, desde os conflitos em casa até brigas políticas e sociais. Aos treze, durante a ditadura militar, ficou presa por 15 dias.

— É um abafamento, uma sujeira, que, se eu te contar, você vai olhar e dizer: “Essa mulher é véia e é louca”. É a real, filho, eu só fiquei véia. Mas eu tenho um trato com o lá de cima que eu cumpro minha meta através de dor e sangue, na honestidade com Deus e Jesus Cristo. Olha, eu vou morrer sabendo o que eu falo, o meu nome e de quem me criou. Entendeu? Nenhum devoto morre insano, gagá, não. É na luta. E eu vou te dizer: vocês, mais jovens, têm que aprender a se defender, a lutar. Crer na frente da pessoa, mas, virou as costas, desconfiar.

Fátima conta que, depois, passou a morar em Piraju e trabalhar em São

Paulo, como governanta em casas de grandes empresários. Foi mãe de um casal, e também de muitos filhos adotivos, no interior — teve mais de cem guardas, conta.

— Tive uns que foram assassinados. Outros que pararam em cadeia por tráfico de drogas. Tive uns que virou gente, gente mesmo. A periferia é pobre, cê conhece todo mundo, as menininhas novas não tem cabeça, o próprio pessoal do conselho tutelar faz amizade com a família, abusa das meninas, as mães são leigas, ficam quietas, e nasce uma criança sem pai, sem ajuda, sem nada. Então elas iam me pedir ajuda. Eu nunca tive ajuda de estado, trabalhava e tinha quem olhasse.

De 2017 para cá, Dona Fátima conta que começou a fazer mais e mais denúncias sobre política em Piraju — de aumentos de salários até ligações com o crime organizado. Em maio de 2020, na sua casa, começou a ser vigiada pela polícia. Helicópteros, viaturas, medo de ser assassinada: decide fugir. Parte para o Paraná, depois para o Rio Grande do Sul, mas não consegue sair do país, em meio à pandemia, e lhe resta vir para São Paulo capital.

— Por que eu tirei meu nome todo da minha família? Para não carregar eles comigo. Porque eu já fui muito, muito perseguida. Eu sei do que eles são capazes.

Dormiu em delegacia, estação de metrô, albergue só para homens, hotel social. Sofreu mais de um atentado contra a sua vida, foi expulsa de um desses lugares por ordem do governador do estado e aguentou até uma infestação de percevejos no seu quarto, plantados propositalmente, todas as noites. Foi quando decidiu ir para a rua.

— Conheci as travestis da República, algumas me conheciam da internet. “Ô mãe, vem pra cá, na rua a gente te protege, não vai acontecer nada com a senhora, é bem melhor”. Fui resistindo um pouco, mas eu vi que estava piorando, resolvi sair. Fui para a República, elas cuidavam de mim. Tem muita prostituta estrangeira, boliviana, ali no Paissandu, que ajudavam também. Elas não gostavam que eu andasse por aí, tinham medo que iam me pegar. Aí cheguei aqui (na Praça Marechal Deodoro) e vi muita bagunça,

muito despreparo, enquanto lá (República) já tava tudo calminho, certinho, tudo um do lado do outro, as travestis já estavam procurando casa, lugar, tudo certo. Já perdi várias barracas aqui, sempre moro ali, embaixo do viaduto.

Instalada na Praça Marechal Deodoro, Fátima chegou organizando e limpando o lugar. Com uma mudança no fluxo da Cracolândia, teve que negociar com os novos moradores daquele quarteirão, com regras: ninguém pode ser assaltado, roubado e nem ameaçado, nem quem passa indo e voltando para o trabalho, nem quem está andando. Foram seis meses de negociações, idas e vindas e muita limpeza da praça.

— Tive muita chance de sair, mas eu não queria voltar pra minha casa. Muita gente já tentou me levar, outros já tentaram com o apartamento fechado, mas eu não vou. Sabe por que? Eu não acredito nesse sistema.

— Você se sente mais segura e livre aqui?

— Sim, aqui eu estou no meio do povo. Eu protejo eles, a própria polícia já falou várias vezes para mim, que é uma pena eles saberem que eu tenho que ficar aqui. Mas é o certo, é o certo. E aqui tem todo mundo, tem ruim, tem canalha, tem todo tipo, em todo lugar tem. Mas tem uns bons também. Esses dias já saíram vários da rua, foram embora. Enquanto eu estou aqui.

Mais cedo, Dona Fátima estava ajudando uma pessoa a tirar os seus documentos. Ela me contou sobre um ex-traficante, hoje em cadeira de rodas, que topou tirar seus documentos para receber auxílio.

— Te chamam de mãe aqui?

— É, mãe. Os novinhos de vó, os mais velhos de tia.

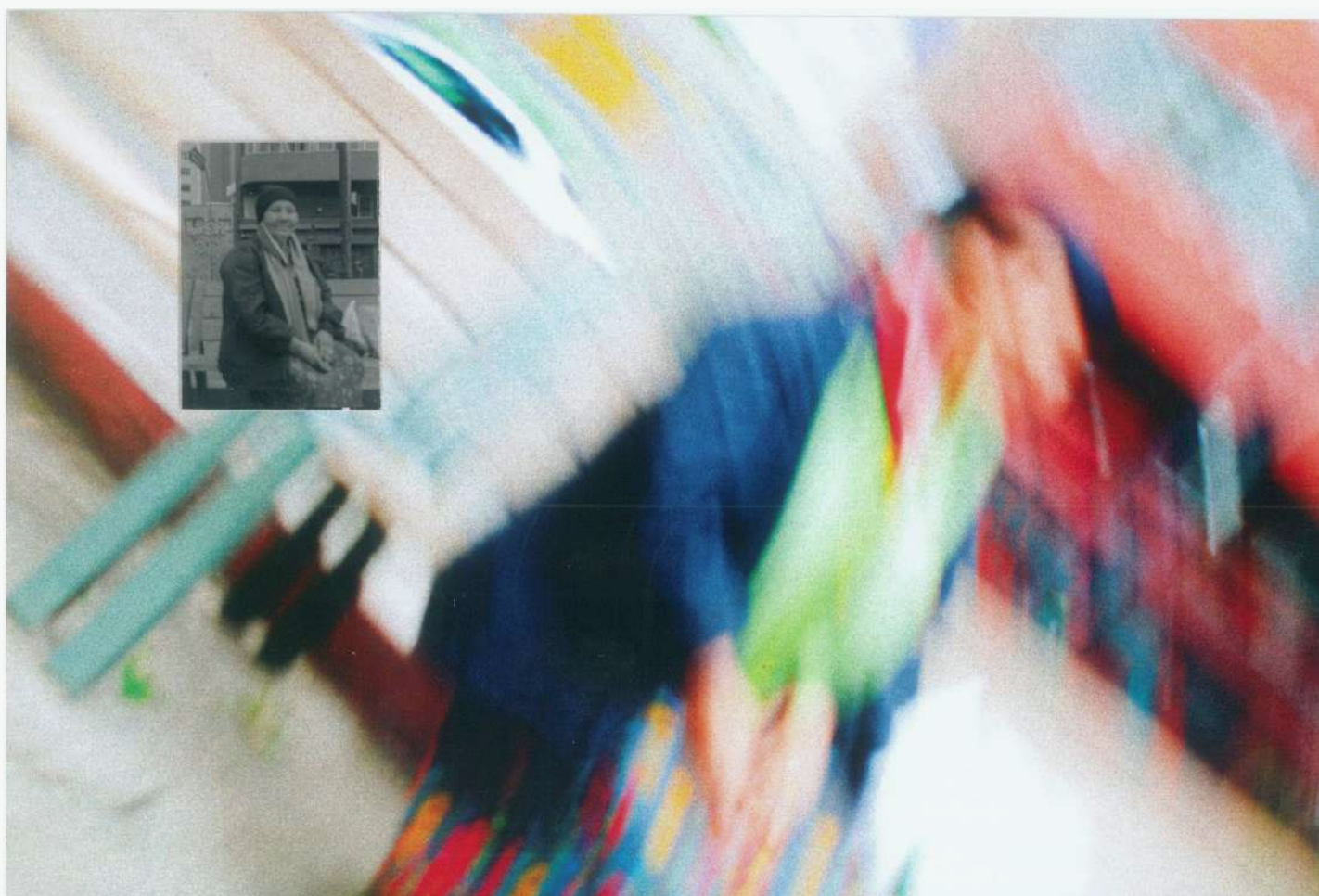
Justiça é a grande força que move Dona Fátima. E Deus.

— Deus sempre foi fiel pra mim, não é porque eu cheguei na rua, nessa situação, que eu não vejo a presença Dele. Eu vejo a presença Dele por eu estar aqui na tua frente. Ele me salvou, muitas vezes, sabe? Eu não acredito no acaso, eu acredito em Deus. Dizem, os crentes, que quando você não esquece, você tem ódio. Não é ódio,

é revolta. Eu vou morrer sem esquecer, eu tenho até um pacto: me levar antes, porque minha alma não vai ser salva, por mais que eu sirva a Ele. Porque eu quero justiça. Dinheiro, essas coisas, eu não vou levar. Eu não sei quanto tempo de vida eu tenho. Cheguei até quase a 70 por um milagre. Vou fazer 68 em março.

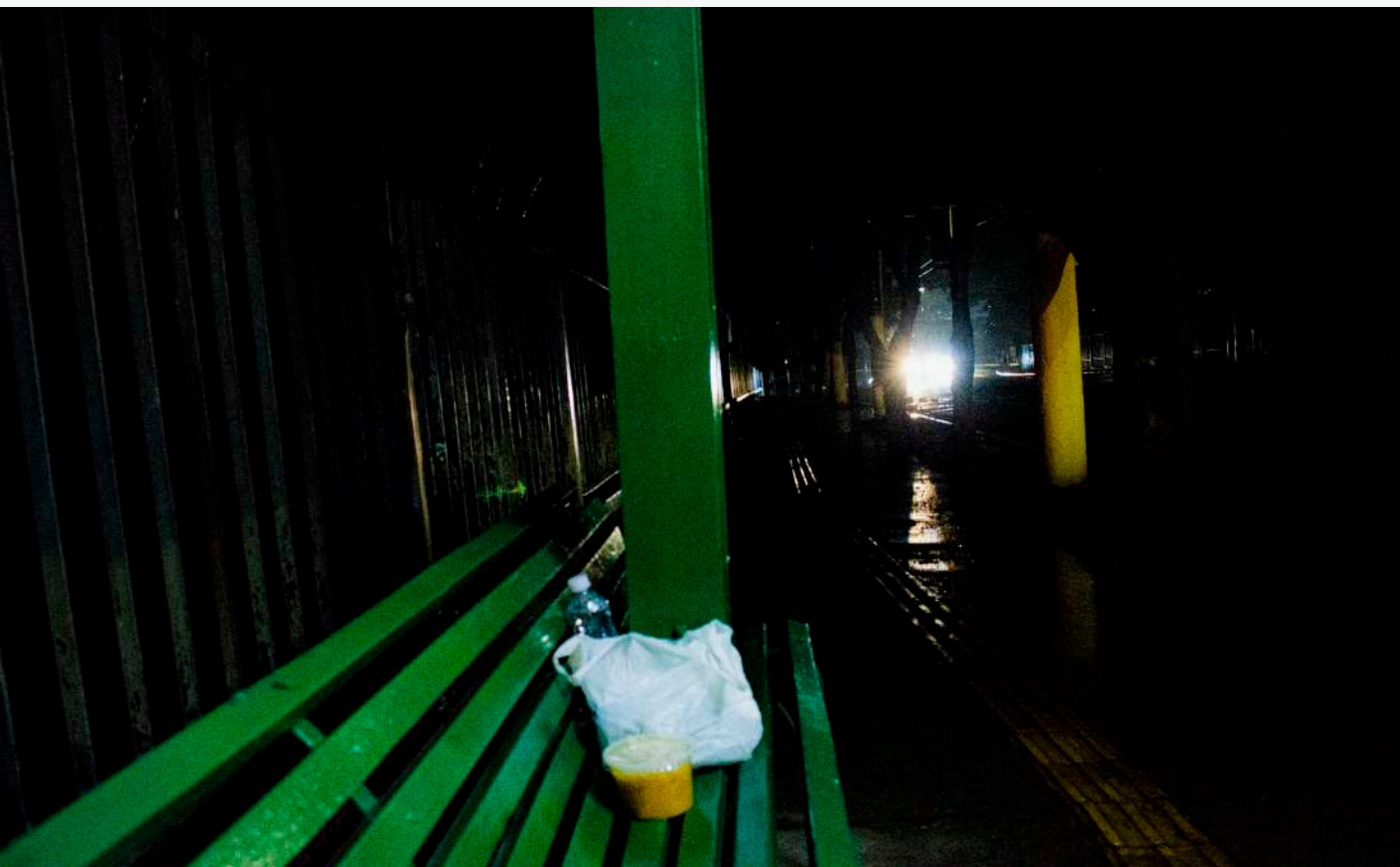
Quando nos despedimos, Dona Fátima deu um conselho: “Seja cauteloso, nunca confie em nada, que nada é seguro. Tudo é imprevisível. Você pensa que é de um jeito, é de outro. Eu aprendi isso nesses anos todos”. No seu peito, uma cruz de madeira saltava entre os casacos coloridos. Na caminhada de volta, ficou na cabeça uma frase que ela repetiu algumas vezes ao longo da conversa:

— O meu nome é vida, nunca tragédia ou destruição.



*Dona Fátima, em foto tremida, e um retrato seu, no dia 4 de outubro de 2024.
Foto: Tomás Novaes.*

2.5 Guerreiro



Banco de táxi na Avenida Nazaré, no Ipiranga, com uma sopa e uma sacola plástica, no dia 10 de outubro de 2024. Foto: Tomás Novaes.

Era uma noite de quinta-feira chuvosa de outubro quando encontrei Guerreiro. Na verdade, quase não nos encontramos. Estávamos na reta final de uma das rotas percorridas todas as semanas pelo Dando Sopa, ação voluntária do Instituto Independência, cuja sede e atuação se localizam no bairro do Ipiranga, Zona Sul de São Paulo. Mais que uma ONG, o projeto é uma reunião de amigos e familiares dispostos a fazer o bem, com atuação contínua há oito anos. Diferente de outros coletivos que montam bancos de alimentos em pontos fixos da cidade, o Dando Sopa faz uma busca ativa pelas pessoas assistidas, com quatro rotas de carro que percorrem ruas do Ipiranga em todas as noites de quinta-feira. Entre essas, está a rota Nazaré — referência à avenida com esse nome que se estende do Parque da Independência à Avenida Doutor Gentil de Moura.

Era uma noite de quinta-feira chuvosa de outubro quando encontrei Guerreiro. Na verdade, quase não nos encontramos. Depois de entregarmos sopa, pão, água, roupas, itens de higiene e um delicioso chá quente para cerca de seis pessoas, passamos pelo ponto em que, normalmente, Guerreiro costuma ficar. O meu objetivo naquela noite era um único e exclusivo: encontrá-lo. O papo havia sido marcado na semana anterior, através de outra voluntária que o conhece há anos. Ele confirmou a ela que estaria lá, no mesmo horário e local.

Era uma noite de quinta-feira chuvosa de outubro quando encontrei Guerreiro. Na verdade, quase não nos encontramos. Depois de entregarmos sopa, pão, água, roupas, itens de higiene e um delicioso chá quente para cerca de seis pessoas, passamos pelo ponto em que, normalmente, Guerreiro costuma ficar. Ele não estava, como era de se imaginar, em uma noite fria, com uma chuva que crescia e diminuía, mas não desaparecia. O lugar que Guerreiro costuma ficar naquele horário, por volta das 23h, é o seu local de trabalho: uma área com vagas de estacionamento na rua, em uma esquina da Avenida Nazaré, em frente ao Parque da Independência. Àquela hora, não vimos ele, muito menos os carros que ele cuida em troca de algum trocado. Viramos então à direita e entramos na via. Quando já aceitava a ideia de não conseguir conversar com Guerreiro, uma das pessoas do carro diz:

— É o Guerreiro ali?

Do nosso lado direito, um homem com touca, sacolas e um colete amarelo está andando em frente ao Hospital Ipiranga. Abaixamos o vidro e ele sorri. Estacionamos um pouco mais à frente, entregamos uma sopa, um pão e um chá para ele, e o carro parte para seguir a rota. Ficamos sós, nós dois, naquela quinta-feira chuvosa de outubro. Conversamos um pouco enquanto buscamos um bom lugar para uma boa conversa. Paramos em um ponto de táxi, onde podemos sentar, e Guerreiro começa a abrir o seu baú de memórias.

BICHOS VIVOS, GENTE MORTA

Guerreiro é um homem de 56 anos, pele morena e olhos levemente puxados, que revelam a sua ascendência japonesa. Nunca conheceu os

seus pais, foi criado pela avó, filha de japoneses, quem sempre chamou de mãe, e neste texto chamarei também. Ele estudou até a sétima série, fez supletivo para completar o ensino médio. Está na rua há dez anos, e dorme embaixo de uma ponte na região.

— Sou nascido, criado e pelo jeito vou ser morrido aqui (risos), no Ipiranga. A única vez que saí da barra da saia da minha mãe foi para ir para o Japão. Não deu certo, meu interesse era não voltar, mas eu aprontei, e acabei voltando.

Aos 26, Guerreiro viajou ao outro lado do mundo, e ficou lá por sete anos. Os motivos dessa viagem foram se revelando ao longo da nossa conversa. Antes, aqui no Brasil, Guerreiro conta que foi preso com dezoito anos. Os motivos exatos dessa e de outra prisão mais tarde não foram revelados ao longo da nossa conversa.

— Preso, no regime de progressão, no semi-aberto, trabalhei em um necrotério, como auxiliar de necrópsia. Dois lugares que passei na minha vida que mais adorei: trabalhar no zoológico, com animais, vivos, e trabalhar com gente, morta (risos).

— Por que você gostou de trabalhar em um necrotério?

— Lá aprendi que ninguém é melhor que ninguém. Eu aprendi que, se é humano, Deus me perdoe falar isso, mas não tem pra onde correr. Pra onde eu for, cê vai. Não tem jeito.

Guerreiro conta que trabalhava com Badan Palhares, legista paulistano de renome. Seu trabalho era datilografar os laudos, ainda, na época, em máquina de escrever.

— Você que é uma pessoa culta e o caramba, nível universitário: Alexandre O Grande. “Quando eu morrer, quero que os melhores médicos do mundo carreguem o meu caixão. Porque, senhor? Porque nem eles me livraram da morte. E que meus pés e mãos fiquem para fora do caixão. Porque, senhor? Porque dessa vida não se leva nada”. Isso eu vi na vida real, era pobre, era rico, era velho, era novo...

— Você via os corpos, também?

— Via e, se quisesse participar do papo, participava (risos). Ser-
rar a cabeça para tirar o crânio, abrir para tirar as vísceras, para
fazer a necrópsia. O SVO, Serviço de Verificação de Óbito. “Mor-
reu dormindo?” Não existe isso. Ou o coração parou, alguma coisa
aconteceu, ele tava dormindo quando morreu, mas não morreu
dormindo.

Nos anos 90, Guerreiro começou a usar crack. Ele conta que, na época,
a droga era novidade no Brasil, e a expectativa de vida dos usuários era de
dois anos. Ele usou por 1 ano e 9 meses, só parou porque embarcou para
o Japão.

— Não morri porque bateu na trave. Se não tivesse ido, eu tinha
morrido. Todos eu vi morrer. E eu tava morrendo, tava memo.

— Você foi para lá pensando em se salvar?

— Sim, sim, procurei várias igrejas...

— Você é religioso, Guerreiro?

— Sou um ateu, mas prego bem. Não sou devoto. Acredito em
Deus, no Diabo, em você, em mim, nessa árvore, acredito em tudo.
Mas, por a mão no fogo, eu não ponho.

Foi o trabalho na necrópsia que deu o impulso para a viagem. Guerreiro
descobriu que tinham oportunidades de trabalho na área.

— Lá, pra dar banho no defunto, você ganha mó grana. Lá, pra
você limpar a bunda, sabe aquele sumotori, esporte japonês, aque-
les caras com 250 quilos? Eles não conseguem limpar a bunda, não
conseguem, são enormes. Pra você limpar a bunda desses caras,
você ganha mó grana. Eles não conseguem. Então, como eu tava
nessa vida de necrópsia, falei: quero ir lá dar banho em defunto. Aí
eu fui. Só que cheguei lá com um detalhe: não falava e nem sabia
ler (em japonês). Aí arrumei esse trampo, depois arrumei outros,
fui pingando.

A temporada japonesa acabou com mais uma prisão, e Guerreiro foi
deportado. As drogas que usava no Brasil, em um primeiro momento, fo-
ram trocadas pelo álcool japonês. “Mas depois que eu achei a biqueira lá,

fudeu mais ainda, parei de beber para usar droga, pá. Voltei”, conta. Na prisão japonesa, pelo menos conseguiu aprender a língua estrangeira.

— Eu aprendi a profissão de auxiliar de necrópsia onde? Na cadeia. Aprendi japonês onde? Na cadeia. Então, você tem acesso à internet, não tem? Tudo de bom, você acha na internet. Mas tudo que não presta, também. Você vai usar para qual finalidade? Eu, na cadeia, só aprendi coisa boa.

Mais de uma vez durante o nosso papo, Guerreiro disse que o seu objetivo era nunca ter voltado.

— Não deu. Mas tô aqui. E não reclamo, graças a Deus. Reclamo quando não tem um pão pra comer, um cigarro pra fumar, aí xingo até a minha sombra (risos).

De volta ao Ipiranga, Guerreiro voltou a estudar, fez cursos de informática e manutenção de ar condicionado automotivo e de para-brisa. Montou a sua oficina no bairro, especializada em serviço de ar-condicionado de carros.

— No inverno, eu passava fome. Eram quatro meses que não dava nem pro cigarro e nem pro pão.

A saída que lhe apareceu foi encontrar um lugar com verão perene. Sua mãe tinha um terreno em Mato Grosso no Sul, então decidiu partir para o calor do estado vizinho. Lá, na cidade de Bataguassu, ficou por dois anos e meio, fez sua casinha e oficina.

— A cidade era pequena, interiorzão mesmo, brabo. O que eu tinha para fazer lá, fiz. Acabou o serviço. A cidade é um ovo, nem semáforo tinha. Aí conheci uma doida, fiquei com ela, ela engravidou, tive uma filha, ela abandonou eu e a minha filha com um ano e meio. Fiquei desesperado. Voltei para cá, na casa da minha mãe, pra criar a minha filha — mas quem acabou criando ela foi a minha mãe.

De volta ao Ipiranga, mais uma vez, mas com um rebento.

— Um amigo meu falou: “Faz concurso. Você não gosta de natureza? Faz para o Zoológico”. Abriu, fiz, e entrei. Fiquei seis anos,

nunca faltei. Conheci e convivi com animais que nem imaginava. Cuidei de tigre, pantera, onça, leão.

— Você gostava desse trabalho?

— Amava.

Outra desilusão amorosa, e uma realocação no emprego, quando estava quase em uma posição de destaque, levaram Guerreiro mais uma vez para o álcool.

— Me desestabilizou, já sou cabeça mole. E voltei a beber. Briguei com a família inteira, quebrei tudo e saí fora. Hoje, pra não falar que não sei onde tá, eles sabem onde eu tô, eu também sei onde eles tão: no mesmo lugar. Daqui eu consigo ver eles, de onde eles tão eles conseguem me ver, só que a gente não tem contato. E não sei se é uma coisa da origem nipônica, mas um não procura, o outro também não.

— Eles sabem que você está aqui na rua?

— Notícia ruim, diz assim, chega logo. Igual eu falo pra mim mesmo: nossa, eu ando mais que má notícia (risos).

COISAS MINHAS, COISAS SUAS

Guerreiro diz que está há uma década na rua, e também há uma década sem beber.

— A bebida acabou comigo, me tirou o emprego, me tirou a família, só não me tirou a roupa do corpo porque não deu tempo.

Guerreiro cuida dos carros nas imediações do Hospital Ipiranga na madrugada. De dia, nem Deus sabe — a rotina na rua é tão precisa quanto as previsões do tempo, do sentido do vento e do tamanho das ondas. Tudo pode acontecer entre o nascer do sol e o fim do dia. E, amanhã, tudo (ou nada) se repete.

— Meu dia-a-dia é o seguinte. Primeiro a luta pra sobrevivência. Eu vou atrás do que comer. Comi? Agora vou pra luta da morrên-

cia. Qual a luta da morrência? Arrumar uma moeda pra fumar um cigarrinho. Pronto, comi, bebi, fumei, vou dormir de novo. Acordei, vou comer, pegar meu cigarrinho. Mas, de novo a parte espiritual, é coisa minha. Antes, eu fazia minha oração assim: “Obrigado Senhor pela comida, pela bebida, pelos momentos de lazer”. Quais momentos de lazer? Fumar um baseado, os caramba, tal. “Tô me preparando pra dormir, e se eu dormir, por favor, que seja o sono eterno, porque eu não queria acordar não”. Eu nunca pedia nada, só isso. Começou a dar insônia, ficava três, quatro dias sem dormir. Pensei: caramba, quer saber, eu não sou merecedor, nem pra dormir, porque se dormir, quem sabe eu consigo o que eu quero. Nem dormir eu mereço, metodologia minha. Mudei minha oração, agora eu não peço nada. “Obrigado, obrigado, obrigado, Deus abençoe, proteja, cure, dependendo da necessidade e merecimento de cada um”. Eu não preciso pedir nada, ele sabe o que eu preciso, e põe no meu caminho se merecedor for. Eu não sabia da sopa (o projeto Dando Sopa, que distribui sopa, roupa e comida às quintas-feiras). Um belo dia, com fome, um cara me chama e pergunta se quero sopa, se preciso de mais alguma coisa, uma roupa. Sem eu pedir, apareceu. Então tenho essa metodologia: não pedir nada, ele sabe o que eu preciso, e coloca no meu caminho se merecedor for. “Ah, mas você pega o dinheiro, vai na biqueira, compra maconha e não compra um pão”. É coisa dele também, porque não é da vontade dele, mas porque que ele faz com que eu consiga?

— Guerreiro, mesmo depois que você mudou essa oração, tem dias que você pensa nesse sono eterno?

— Eu fico com medo. Lembro desse pessoal aí, ó, Whitney Houston. Fama, dinheiro, status, carisma, porque acaba numa vida podre dessa, dentro de um hotel, com overdose de cocaína, remédio e álcool? Tudo que o dinheiro podia comprar, esse povo tinha. Às vezes eles queriam uma coisa que o dinheiro não comprava. Eu tinha casa própria, transporte próprio, família, animal de estimação, tinha até cônjuge (risos). Tinha tudo, mas me sentia sozinho. Eu tinha tudo, cara. Emprego, casa própria, concursado, fiz curso de informática, tinha cinco celulares ativos, de última geração. O computador tinha até no banheiro. Eu tinha um mundo inteiro na

minha mão, mas me sentia sozinho.

Guerreiro não recebe nenhum benefício governamental. Só conseguiu durante a pandemia, o Auxílio Emergencial.

— Eu tenho direito ao Bolsa Família, mas é uma burocracia, porque precisa de comprovante de endereço. Como, moço, se eu moro na rua? Eles querem ajudar, mas que jeito? Pra mim conseguir esse Auxílio Covid, nossa, quase não consegui. Por causa de um comprovante de endereço, eu tinha que abrir uma conta no banco. Não me deixavam nem entrar no banco, praticamente. Eles falavam: “Qual mês você nasceu?”. Tal mês. “Então é só daqui três meses”. Tá bom. Eu voltava três meses depois. “Não, é esse mês mesmo, mas você precisa de um comprovante de endereço”. Tá bom. Quase não consegui. Sempre arrumavam uma desculpa, eu não conseguia nem entrar no banco. Falei: vou dar uma de doido. Disse que ia pagar uma conta, entrei e descobri que eu não precisava ter esperado nada. Nada. Fiquei seis meses tentando conseguir isso aí, e era só entrar, e eu já recebia, porque já tava com mais de tantos anos sem a carteira assinada. Se eu não desse uma de doido, não conseguia.

Nesses dez anos, Guerreiro chegou a buscar o CAPS para se tratar, mas não levou adiante.

— Fiz o tratamento por um mês, aí me deram 160 remédios pra beber. Eu falei, moço, doutor, desculpa, eu não vou vir mais não. Eu vou trocar uma droga pela outra? Então eu prefiro ficar com a minha. Eu nunca fui de tomar remédio, nunca gostei de tomar remédio. Aí eu falei na cara dela: “Vou trocar uma droga pela outra?” Saí fora e tô aqui.

Guerreiro sabe que sua filha mora no bairro. Não resta nenhuma ligação familiar presente na sua vida.

— Você nunca mais teve contato com sua filha?

— Nunca mais.

— Quantos anos ela tinha?

— Dez. Hoje ela deve ter uns vinte e poucos.

— Você não sabe nada dela?

— Ela mora aqui.

— No bairro mesmo?

— É.

— Mas vocês nunca se encontraram?

— Nunca. Talvez ela já passou do meu lado, me conheceu, mas eu não conheci ela. Porque com dez anos, era uma criança. Hoje, com vinte, é uma mulher.

— Ela sabe que você está aqui?

— Sabe.

— Ela mora com quem?

— Mora sozinha. Ela era uma criança, tava em crescimento. Eu, em dez anos, não mudei. Agora, ela em dez anos, mudou. Então às vezes passou do meu lado e eu não percebi.

— Você não tem vontade de retomar o contato?

— Vontade tenho, mas tá bem. E eu tenho vergonha. A mãe dela, como te disse, abandonou eu e ela com um ano e meio, e eu abandonei ela quando ela tinha dez anos. Então ainda bem que não se perdeu na vida. Porque a mãe abandonou, o pai abandonou, motivo pra ela se perder na vida, ela tinha. Graças a deus não se perdeu.

BATE-BOLA

— O que você aprendeu, assim, para a sua vida, nesses anos de rua, que você acha mais importante?

— Não desejo pra ninguém.

O VELHO PILOTO DE AVIÃO

A conversa estava chegando ao fim quando Guerreiro ofereceu algo.

— Vou comer mais um pouco. Tá servido? Quer um pão com mortadela?

— Não, obrigado.

— Pega um pão com mortadela, é limpo, tá limpo. Quer um café com leite, uma água?

— Vou pegar então um pãozinho. Posso pegar mesmo? Não vai fazer falta pra você?

— Tá louco, o que tem de comida aí, meu deus do céu.

Repartimos aquela comida nós dois, naquela quinta-feira chuvosa de outubro, sentados no ponto de táxi. Ele comia uma banana.

— Essa banana aqui, ó. Ontem eu tava olhando um carro, uma moça e uma menina. “Já vai moça? Tem uma moedinha pra ajudar hoje?”. “Moço, me perdoa, eu não tenho, mas amanhã venho de novo, e te trago”. “Não não, não tem problema, gostaria até que você nem viesse amanhã, no hospital”. Ela foi embora, mas voltou, buzinou e disse: “Minha filha tem um pacote de salgadinho, cê não quer?”. A menina me deu o salgadinho. Não fui bom pai, mas sou pai, né. No dia seguinte veio uma moça correndo. “Oi, o senhor é aquele homem de ontem?”. “Sou”. “Te trouxe uma banana!”.

Nesse momento, rolam as primeiras lágrimas da noite, dos olhos amendoados de Guerreiro.

— Essas pessoas são raras, por aqui?

— Então, isso que eu não entendo. Se eu não entendo, não é pra entender. Tem pessoas, que eu não sei nem falar se é sentimento, o que é, mas que falam: “Seu lixo, seu nóia, seu mendigo, seu pinguço”. Já falei na cara da polícia mesmo. O policial falou: “Vai tomar no seu cu”. Eu falei: “Eu vou, o senhor já foi?” Ele: “Eu vou por fogo em tudo nessas coisas aí, só tem lixo”. Eu: “Aqui não tem nada de lixo não, é tudo reciclável, poliuretano, espuma, cordão,

o único lixo que tem aqui sou eu, que sou ser humano igual você”.

Ele me oferece uma água. Bebo, e faço uma pergunta.

— Você lembra, quando era criança ou adolescente, qual era o seu sonho?

— Eu queria ser piloto de avião. Aí conforme a gente vai crescendo, digamos assim, o sonho vai mudando. Mas porque, quando eu era criança, eu queria ser piloto de avião? Aí entra a parte espírita de novo: talvez eu fui um, em vidas passadas. Aprendi isso com uma pessoa. Aí o tempo vai passando, vai passando. Nossa, eu adoro ver calhambeque velho, carro antigo, na rua. Eu usei suspensório, queria ser da idade da minha mãe, de repente, que andou de bonde aqui na Nazaré. Aí o moço falou: “Sabe por que você gosta tanto dessa época? Porque talvez você já foi desse tempo”. Converso com pessoas de 80, 90 anos, e eles me adoram como eu adoro eles. Até falo assim: “Nossa, cada fio de cabelo branco que o senhor tem no cabelo é uma história”. Eu gostaria de sentar e ouvir todas. Porque esse pessoal, que tem 80, 90 anos hoje... eu tenho 56, você deve ter 30, nem isso...

— Tenho 23.

— Então, imagina, 23 anos. Quando você tiver 90, há de chegar, você vai falar assim pros seus bisnetos, quando eles tiverem 23 anos: “Nossa, eu, quanto tinha a sua idade, estava sentado em um ponto de táxi, de noite, uma chuva, o caramba, tal, falando com uma pessoa e tal, e essa pessoa falou que eu ia falar pra você o que eu tava fazendo quando tinha a sua idade”.

Nesse momento, passou um carro na nossa frente. Ele parou pouco à frente, e uma mulher acenou pela janela. Guerreiro interrompe sua fala e diz:

— Obrigado! Tchau! Ó, já comi a banana! (mostra a casca)

Ele toma um tempo para respirar. Os olhos parecem lacrimejar quando vê o carro se distanciando, sumindo na noite do Ipiranga — era a mulher que lhe deu aquela fruta. Peço uma foto, ele gentilmente recusa, e diz que também não quer o seu nome real citado. Pergunto então qual o nome que

ele gostaria que tivesse no livro.

— Guerreiro. Todo mundo me chama de Guerreiro.

O banco de táxi, no dia 10 de outubro, e um rosto anônimo em retrato.

Foto: Tomás Novaes.



atravessando
a rua

atravessando
a rua

O presente capítulo traz três entrevistas com pessoas que convivem ou assistem o povo de rua: um jornalista, um organizador de ONG e uma voluntária.

3.1 Alderon Costa



Alderon Costa, na sede do jornal O Trecheiro, em São Paulo, no dia 7 de outubro de 2024. Foto: Tomás Novaes.

Alderon Costa é um dos fundadores da Associação Rede Rua, organização que atua em São Paulo desde 1989 em diferentes frentes, com foco na comunicação sobre a questão da população de rua. Ele também é editor do jornal O Trecheiro, um veículo independente fundado em 1991, de veiculação mensal, com notícias e reportagens sobre o universo da rua, em todo o Brasil.

Na sede do jornal, uma casa na Vila Carlota, no Brás, o jornalista falou

sobre o intrincado universo da situação de rua, e sua experiência como alguém que dedica sua vida para esta causa. Nos sentamos na mesa da sala, ele ofereceu um café, e começou a narrar a sua história.

— No final dos anos 70, a gente já tinha ações de uma organização chamada OAF (Organização de Auxílio Fraternal), que é pioneira no enfrentamento dessa realidade em uma perspectiva freiriana, de transformação. Eles iniciam esse trabalho de conviver com a rua, dialogar com as pessoas, tentar entender como é que eles sobrevivem. Estou falando de um período com cerca de 3.000 pessoas em situação de rua, uma mistura muito grande com trabalhadores da construção civil e migrantes do corte de cana e da colheita de café — nessa intermitência, entre colheitas, muitas vezes eles ficavam nas ruas. Eu conheci essa organização a partir de uma sopa que era feita em conjunto com a população de rua ali no Glicério. Quando eu cheguei, em 1983, comecei a fotografar e fazer os jornais. A preocupação era dar visibilidade a essa realidade, porque, se hoje ela é invisível, naquele período nem se pensava que tinham pessoas morando na rua, muito menos que elas eram gente mesmo.

Ainda no século passado, Alderon cita alguns marcos importantes, como a prefeitura de Luiza Erundina (1989-1992), quando foi feito um censo comunitário e também foram criadas as casas de convivência, espaços de articulação e organização da população de rua. Depois, o jornalista cita o Projeto de Lei n. 207/94, da Vereadora Aldaíza Sposati, que seria regulamentado em 2001, e dispõe sobre a obrigatoriedade do poder público municipal a prestar atendimento à população de rua em São Paulo. Após se envolver em projetos como a administração de albergues e uma escala de refeições fornecidas por ONGs em um restaurante, a Rede Rua assumiu a Quadra dos Bancários, na Rua Tabatinguera, durante a pandemia. Lá, serviam mais de 1.000 refeições diariamente. Desde 2017, a associação tem um espaço físico, chamado de chapelaria, onde o povo de rua pode guardar suas coisas com segurança, em armários. “A gente não acredita nesses trabalhos monstruosos, que às vezes são necessários, por conta da emergência. Para um projeto de transformação mesmo, tem que ser pequeno. Se não, você não consegue”, diz Alderon.

O jornal O Trecheiro, além do conteúdo escrito, também abrange um

programa no YouTube chamado Ecos da Rua, em que são entrevistadas pessoas em situação de rua, junto de especialistas. “A ideia é nunca falar da rua sem a rua”, resume. Para as edições mensais do veículo, o trabalho é coletivo, com encontros para avaliar a edição passada e preparar a próxima. “Todas as pessoas que atuam estão de alguma forma ligadas com a rua”, diz. São cerca de 10 pessoas que atuam na criação do jornal, e a diagramação também é voluntária. “É tudo um diálogo, a gente não tem a pressa da mídia diária. Às vezes estou na rua e uma pessoa diz que tem uma poesia. Vamos nessa! O jornal é nosso”, explica.

Na sala da sede, fotos muito bonitas decoram as paredes brancas. São registros das ruas de São Paulo e das pessoas que vivem nelas, pelo olhar de Alderon. Ele conta que já não fotografa mais, por um problema nas costas. Uma foto em especial prende a atenção: um homem de olhos brilhantes, com um cobertor sobre a cabeça, encara fixamente a câmera.

— O jornal nasce dentro de um quadro de busca de um sonho, de uma sociedade mais igualitária, mais justa, que não tenhamos pessoas em situação de rua. No fundo, o jornal nasceu nessa perspectiva de superar não só essa questão, mas todo o conjunto da sociedade que está invisível, esquecido, marginalizado, excluído, enfim, as palavras são infinitas. A gente fala muito sobre a organização das pessoas, que elas precisam se organizar, enfrentar essa opressão, criar novos projetos. Não vem de cima para baixo, tem que vir na construção, as pessoas precisam estar discutindo, dialogando. O jornal também tem a perspectiva de crítica, de trazer denúncias. Volta e meia a gente tem retratado algumas questões, conflitos, mortes, porque a rua é permeada por essa violência. Por exemplo, em Maceió tem uma violência histórica contra a população de rua. A Folha de São Paulo e outros jornais dificilmente falam sobre isso. Então a ideia aqui também é essa: trazer o que não sai na grande mídia. Tem até uma foto de 2004, na Praça da Sé, em uma grande manifestação contra o Massacre da Sé, com uma placa: “Olhe nos meus olhos”. Essa foto é emblemática, e o jornal quer trazer isso: olhe nos meus olhos, eu sou uma pessoa, sou ser humano.

Em certo ponto do papo, pergunto para Alderon como ele encara os obstáculos de comunicação que são encontrados na rua, como a imprevisi-

bilidade dos encontros.

— A rua traz vários questionamentos, porque ela tem um mundo próprio. Quem está em situação de rua literalmente luta pela sobrevivência, e as pessoas vão criando as suas defesas. Por exemplo, uma coisa que é difícil é você entender a história real da pessoa. Ela teve tantas dificuldades que vai criando histórias. Porque todo albergue que ela vai, tem sempre um assistente social que pergunta sobre o seu passado. Para você conhecer mesmo a trajetória de alguém, às vezes vão anos de convivência, para entender as contradições, as recaídas, tudo. É como a conversa da fotografia: uma foto é a realidade? Claro que não, é uma aproximação, assim como qualquer história que *O Trecheiro* conta. Tem verdade ali? Tem, porque a verdade e a mentira, na rua, andam muito juntas. A rua é complexa, porque é feita de pessoas. Elas mesmas, às vezes, se confundem, aí entra a questão da saúde, não conseguem mais distinguir o que é real do que não é. Então a gente trata a história como ela é contada, é autodeclaração, tem que ser assim, não tem outro jeito. O principal é sempre pensar o porquê de estar contando a história. Para mim, o jornal possibilita as pessoas a entenderem que na rua tem gente como a gente. Eu me encontro em algumas histórias que ouço. Os conflitos de família, a falta de dinheiro, a questão da saúde, os sonhos. O nosso grande problema, hoje, é a desumanização. Se a gente consegue, com essas histórias, sensibilizar algumas pessoas, o objetivo está cumprido. É difícil, porque estou olhando da minha perspectiva. Tenho casa, comida, apoio familiar, trabalho. A pessoa às vezes não tem nada disso, ela está sozinha, e essas histórias têm de ser vistas nesse contexto. Sempre me pergunto: essa história, do jeito que eu conto, seria a história que ela contaria, se ela soubesse escrever, sistematizar, como eu aprendi na faculdade? Não sei. Não sei nem se eu respondi a sua pergunta. É tanta coisa que mistura a cabeça. A gente acaba ficando como a rua, sabe? Sem muita lógica.

O sol começa a entrar mais pela janela, naquela manhã de céu aberto. Um colaborador do jornal chega, e Alderon nos apresenta. Ele pega mais um café, e eu lhe pergunto sobre motivação.

— Desde o começo eu tive uma participação na comunidade, em grupos de jovens, buscando a sobrevivência do contato, do vínculo. Costumo dizer que, quando a gente vai para a rua, a gente vai com o objetivo de nos salvar, não salvar o outro. É tanto uma perspectiva política quanto religiosa, e isso é muito real. Tem que ser um questionamento constante: eu quero realmente o bem do outro, ou estou querendo o meu bem? Claro que, se eu quero o bem do outro, eu quero o meu bem. Então, depois de um bom tempo, a gente chega a essa equação africana, vamos dizer assim, de que, se eu melhora a vida do outro, também melhora a minha. Eu estudei sempre à noite, batalhando muito, trabalhando desde os 14. Posteriormente, conheci a realidade de rua por uma angústia pessoal: não dava para ficar estudando, na minha ilha, com o mundo lá fora. Inicialmente com uma perspectiva religiosa, também. Li um livro chamado *Somos Um Povo Que Quer Viver*, consegui os contatos e comecei nessa perspectiva de realizar o sonho de que todos pudessem ter o que eu tenho: estudo, casa, carinho, amor, tudo isso que faz parte do ser humano.

Alderon diz que acredita que todas as pessoas que atuam na linha de frente com a população de rua, em diferentes níveis, cultivam uma semente de desejo de mudança da realidade. “Se não tem, vai acabar adquirindo, porque a rua questiona. Se você se aproxima e convive com ela, ela te questiona, ela traz elementos para te deixar meio maluco. Se você deixar, ela te deixa doido”, diz.

— A relação com o poder público é um desastre, então a gente tem que ter muita força e coragem para continuar. A gente luta por essa política de autonomia, as pessoas precisam de moradia, um governo que tenha coragem de fazer moradia. A gente tem know-how para isso. E não é trazer projetos importados, do que deu certo na Suécia, na Islândia. Legal, mas precisa olhar a realidade daqui, e criar projetos aqui. Você vai cuidar da população na rua e não cuida de quem está em ocupações? Vai trocar, quem está na rua vai para ocupação, e vice-versa? Tem essa pegada do dia-a-dia, do contato, da mudança, mas tem também essa luta da política, que é importante porque impacta a minha vida, também. Eu não estou lutando pela população de rua, estou lutando por mim também.

Quando eu quero um prefeito que seja justo, que realmente melhore a cidade, também vai melhorar para mim. No fundo, é a mesma luta. A luta da população de rua é a minha luta, e a minha luta é da população de rua.

Peço para bater uma foto de Alderon, enquanto ele me mostra os cômodos da sede. No segundo andar, uma das paredes é repleta de páginas d'O Trecheiro. Faço alguns últimos retratos na sala do térreo, e nos despedimos. No portão, Alderon diz:

— Meu caro, sorte, bem-vindo e vou te falar uma coisa: quem entra para a luta da rua, não sai.



Alderon Costa, com edições do do jornal O Trecheiro ao fundo, no dia 7 de outubro de 2024. Foto: Tomás Novaes.

3.2 Rodrigo Gios



*Rodrigo Gios, dos Doadores de Alegrias, na Sé, dia 7 de outubro de 2024.
Foto: Tomás Novaes.*

Às segundas-feiras, na esquina da Rua Benjamin Constant com a Rua Quintino Bocaiúva, os Doadores de Alegrias entregam alimentos, água, chá e roupas para o povo de rua. Quem organiza a ação é Rodrigo Gios, o membro mais antigo desse grupo, que atua há mais de uma década na região da Sé.

— Era por volta de 2012, estava mexendo nas redes sociais e encontrei um colega da época do colegial, e ele tinha esse grupo, quem cuidava era ele e o pai. Fui conhecer, o grupo existia há algum tempo já. Tinha uma equipe que produzia as marmitas, e quando eram 17h30 a gente montava duas caminhonetes e distribuía cerca de 500 marmitas.

Com o tempo, as pessoas começaram a se reunir no ponto de partida dos carros, e aos poucos a dinâmica do projeto foi mudando para um banco de alimentos, montado na calçada. E tudo mudou com a pandemia.

— Naquela primeira semana, ninguém saiu. Minha prima também fazia parte do grupo, e a gente resolveu, na segunda semana, montar aqui em casa mesmo. Compramos pão, frios, eu, ela, minha esposa e mais um casal de amigos, e fomos para lá, com uns 300 sanduíches. Tinham poucas pessoas, e começamos a espalhar que iríamos continuar, todas as segundas-feiras. Só que toda a equipe que vinha parou de sair, então tive que armar um grupo novo. Fomos de 20 para 5 pessoas.

Hoje, Rodrigo, que trabalha como vendedor, é o único membro da equipe que está desde antes da pandemia, e a ONG é sustentada integralmente com recursos próprios. “Uma boa parte das ONGs tem CNPJ, e por isso conseguem alguns benefícios. Consegui um benefício pontual através desse grupo, na pandemia, mas foi a única vez que eu tive alguma ajuda. Já fizemos reuniões, cadastros, entrevistas com a Secretaria de Assistência Social, mas nada sai do papel”, conta.

Com um passado de trabalhos na igreja, ele conta que começou a fazer trabalho social com a população de rua porque surgiu a oportunidade, e gostou. O interessante é entender não a razão dele ter começado, mas o porquê de Rodrigo ter continuado, sozinho, na pandemia. “Meu pai mor-

reu no dia 21 de março de 2020. Lembro que tudo fechou, e fiquei pensando nas pessoas. Eu cuidava da fila, então falava diretamente com elas, conhecia algumas histórias, e pensava: ninguém vai ajudar esse povo?”, relembra.

Perguntado sobre as histórias mais emocionantes que presenciou, Rodrigo não pensou duas vezes antes de falar de Dona Hermínia. Uma senhora portuguesa, de mais de 90 anos, que pegava lanches — mas não para ela.

— Ela morava na Zona Sul, e lá tinha uma vizinha com filhas, e elas não tinham nada para comer. A senhora pegava três conduções, com noventa e poucos anos, para levar até elas. Um dia ela trouxe o RG e mostrou pra gente, e vimos sua data de aniversário. A gente comprou um presente e um bolo, fizemos uma festa e cantamos parabéns. Até arrepio de falar. Ela, emocionada, contou para a gente que nunca teve um aniversário na vida. Nunca ninguém tinha cantado um parabéns para ela.

Coisas da rua: pouco tempo depois, Dona Hermínia faltou uma semana, depois a outra, e desde então eles nunca mais a viram. Perguntei a Rodrigo se ele, nos últimos dez anos, se acostumou a escutar histórias como essa.

— Infelizmente sim. Essa é a parte ruim. Se você se acostuma, não passa a ser algo que você tem que resolver, passa a ser um cotidiano normal, e isso não pode ser normal. Se você vê uma coisa ruim todo dia durante 10 anos, você se acostuma. A gente se acostuma a ver o cara dormindo na rua, no frio, sem camiseta. O pior de tudo é ver as crianças, porque elas não têm culpa. E você pensa, qual é o futuro, o que ela sonha, o que ela almeja ser na vida? Porque os meus filhos tem tudo, e eles não tem nada? Porque eu estou aqui e eles lá? Aí você dá um brinquedo que não custa nada e a pessoa sai toda feliz, porque nunca teve um brinquedo na vida. Quando você se acostumar com isso, eu não sei se é hora de parar ou passar o bastão.

Rodrigo continuou a detalhar esse outro lado do trabalho voluntário, o menos sorridente.

— Muita gente que eu encontro e vê o trabalho que eu faço me procura e fala: “Que legal o trabalho que você faz, cara, eu preciso fazer isso”. Meu, você não quer ir porque você quer ajudar, é porque você se sente culpado. Você sente uma culpa de ter muito. Esse tipo de trabalho, se for analisar mesmo, a gente faz para nós mesmos, para aliviar a nossa culpa. Tudo que eu tenho, eu conquistei pelo meu trabalho, mas eu tive oportunidades que eles não tiveram. Você tem a oportunidade de estudar na universidade, eles não vão ter essa oportunidade nunca, de fazer uma USP. Isso é mais pra aliviar um pouco essa culpa de a gente ter e eles não. É um sentimento, para quem vê de fora, muito bonito. Para quem está dentro, não é um sentimento legal. É legal até a página dois, cara. Mas, independente do seu sentimento, você está ajudando do mesmo jeito, a pessoa está recebendo o alimento. Mas a gente faz para a gente, a verdade é essa. Essa é a parte triste. No começo não, o começo é legal. Tanto que tem um período: se em seis meses a pessoa continuar, ela vai seguir. Mas geralmente antes disso ela para de ir, porque ela foi lá duas, três vezes, falou: “Legal, já fiz, é a mesma coisa, tudo igual”. Se ela não tem o sentimento real do que tem que ser feito, da responsabilidade, essa vontade não tem um alicerce.

Qual é esse alicerce de Rodrigo? O que faz ele voltar, toda semana, e não deixar aquelas pessoas na mão?

— É a responsabilidade. Eu sei que segunda-feira eles vão estar lá esperando. Chuva, neve, furacão, eles vão estar lá. Esse é o sentimento que eu tenho quando chega a segunda-feira: não posso deixar de ir. Não importa se está chovendo, temporal, dilúvio, cidade alagada. O alicerce é isso.



Rodrigo Gios, do projeto Doadores de Alegrias, após uma segunda-feira de entregas, dia 7 de outubro de 2024. Foto: Tomás Novaes.

3.3 Caroline D'Amelio



Caroline D'Amelio, do projeto Pãozinho Solidário, com o Farol Santander ao fundo, no dia 9 de outubro de 2024. Foto: Tomás Novaes.

Todas as noites de quarta-feira, faça chuva ou faça sol, uma coisa é certeza: Caroline D’Amelio estará na esquina da Rua Líbero Badaró com a Avenida São João, vestida de amarelo, convocando um grupo de outras pessoas de amarelo para uma noite de entrega. Não é só entrega de alimentos, mas também de carinho e atenção. A empreendedora paulistana é uma das voluntárias da ONG Pãozinho Solidário, que faz ações semanalmente com pessoas em situação de rua no centro de São Paulo.

Ela faz trabalho voluntário há uma década, e entrou para este projeto na pandemia. “Sempre tive vontade de fazer trabalho social. Uma amiga começou a fazer, me interessei e me encantei por esse meio. Fui conhecendo outros projetos, e fui continuando”, conta. Para ela, as primeiras noites em contato com a rua foram impactantes.

— Vou te dizer que no início eu chorei muito. Todo mundo que começa a fazer o trabalho não tem muita ideia do que vai encontrar. Quando você vê a realidade, o que acontece na rua, qual é a situação deles, isso te toca muito, você acaba absorvendo e se emocionando. No início, o que me impactava era ver crianças na rua, e depois, mulheres, meninas muito novas, grávidas. Aos poucos, também fui me apegando muito a senhores de idade, que são extremamente carentes. Hoje em dia, estou tão calejada que eu já não demonstro tanto quando algo me abala, engulo e solto quando chego em casa. Enquanto estou na ação, quero abrir o meu coração e deixar que a pessoa despeje em mim tudo que ela está sentindo. Gosto de mostrar que estou ali escutando, sentindo, que ela pode desabafar. Lógico que tem momentos que não dá para segurar, e bate muito forte.

Hoje a voluntária é líder de uma das rotas do projeto, além de organizar a disponibilização de ingressos para os voluntários.

— Teve uma vez, há mais ou menos dois anos, que eu estava em uma fase difícil, a um tempo sem ir no projeto, mas resolvi vir. Tinha um moço que estava sentado, fui oferecer uma marmita para ele, ele disse que não queria comida, e sim que eu rezasse um Pai Nosso, porque ele sentia que estava precisando. Chamei os voluntários, demos a mão e rezamos. Ele ficou todo emocionado, falou que estava passando por um momento difícil, não estava conse-

guindo sair da rua, contou um pouco da sua história de vida, dos erros do passado. Isso começou a me tocar, e eu comecei a chorar. Fui embora pensando nisso: às vezes as coisas que passamos são tão supérfluas, banais. E, naquele momento, ele nem queria o alimento, ele só queria uma palavra, que eu abrisse o meu coração para escutar o que ele tinha a dizer. Aquilo me tocou, porque parecia que eu também estava precisando que alguém rezasse um Pai Nosso para mim. Senti que a gente estava dividindo a nossa dor ali.

Para quem trabalha voluntariamente com pessoas vulneráveis, uma das questões mais complexas são os limites. Até que ponto vai a sua responsabilidade por aquela pessoa? Qual é a linha a partir da qual somente a própria pessoa pode agir e se ajudar?

— É difícil, por mais que a gente queira ajudar sempre, essa força de vontade de sair (da rua) tem que vir deles. A gente tenta dar o nosso melhor, abrimos o nosso coração, escutamos. Não é só entregar o alimento, que parece uma coisa banal. É você parar, olhar, dar um boa noite, perguntar, se importar. Porque parar na rua é muito fácil, o difícil é você sair. Às vezes falta oportunidade, força de vontade, e a rua tem a depressão, a ansiedade, a bebida, a droga. Então é muito difícil, são tantos obstáculos que a gente acaba ficando naquela defensiva de até onde a gente consegue ir.

A voluntária contou que uma idosa voltou aos estudos após ser incentivada pela equipe do projeto. “Sempre peço para os voluntários não prometerem nada. Mas, dessa vez, falei pra ela: quero ver o seu boletim no meio e no final do ano, se você me mostrar que não falta e suas notas estão boas, vou te dar um prêmio. Ela vai todo dia para escola e volta para a barraca”, conta. Histórias como essa parecem ser um grande combustível para Carol não faltar um dia sequer.

— É fazer a diferença, mesmo que seja o mínimo. Tem 83.000 pessoas na rua, mas eu consigo alcançar, às quartas, 800, por exemplo. Então são menos 800 pessoas que vão dormir com fome, que não vão dormir tão tristes. A minha vontade sempre é tirar essa imagem que as pessoas têm das pessoas na rua. Tem muito senhor, muita família que perdeu o trabalho na pandemia. Eu tenho ansiedade, então fazer a ação me ajuda a distrair. Tem voluntários tam-

bém com ansiedade, síndrome do pânico, algumas pessoas saíram da depressão fazendo o projeto social, porque elas começaram a enxergar a vida de outra forma.

Caroline D'Amelio, no ponto de encontro do Pãozinho Solidário, no dia 9 de outubro de 2024. Foto: Tomás Novaes.



diário de bordo

Cenas que vi e ouvi, em textos curtos. Os nomes são fictícios, as memórias podem ser reais.

4.1 A barata

Cido acaba de abrir a sua sopa, está prestes a dar sua primeira colherada, quando, no seu cobertor, surge um pequeno bichano amarronzado, de andar veloz e duas antenas. Uma barata.

— Ela quer a minha sopa (afirma, enfaticamente).

Cido pega seu chinelo e tenta, em vão, acertá-la algumas vezes.

— Teimosa ela, hein. Eu vou matar ela. Pra ela não comer a minha sopa, eu mato (diz, como se essa não fosse a primeira, muito menos a última luta desse duelo).

4.2 O entulho

Em uma rua escura do Ipiranga, deixamos uma sopa com o Mano. Ele dorme em uma barraca e tem a sua carroça ao lado.

Enquanto conversamos, um carro entra na rua, mais à frente, e estaciona a alguns metros de nós. Dois homens saem, abrem a porta lateral e começam a tirar sacos de entulho. Jogam eles em cima da calçada, mesmo, perto da barraca de Mano.

— Ô, amigo. Ô, amigo. Não tão jogando entulho aí não, né?

— Tô sim.

— Não é pra jogar aí, irmão. Aí é lugar pra jogar entulho? Daqui a pouco os polícia passa e fala que é nois que joga o entulho aí.

— Não, mas vão passar aqui pra recolher...

— Vão passar e recolher? Você acha que eu sou o papai noel, irmão? Que eu sou trouxa? Eu sei que ninguém vai passar recolher.

4.3 O pé

Do banco do passageiro, olho atentamente para o lado direito do carro. Busco cada ruela, recuo, barraca, cobertor ou qualquer sinal de vida em meio à noite na cidade.

Passam ruas, quadras, viadutos, e a rota já estava no fim, as sopas no porta-malas começam a esfriar. João, ao volante, diminui a velocidade em frente a uma agência de banco.

O carro passa lentamente pela fachada iluminada, naquela rua deserta. A entrada ficou para trás quando João, com o pescoço para fora do carro, vê algo: um solitário pé, calçando um chinelo, que sobra detrás de uma parede.

Estacionamos e vamos ao encontro da mulher grisalha, que tem uma bolsa bonita e um lindo par de olhos azuis. Ficou em êxtase ao nos encontrar, e custou a entender como a encontramos naquele cantinho onde escolheu passar a madrugada.

Depois de tomar a sua sopa, beber a sua água, receber roupas e papear conosco sobre a vida, o clima e sua história, ela agradeceu a Deus e a nós, por termos visto a ponta do seu pé.

Quando voltamos para o carro, João me disse que a conhecia, era uma mulher que já teve dinheiro e tem até família na Europa.

— É um caso para pensar que isso pode acontecer com qualquer um de nós.

4.4 A espera

Conheci Renata e Washington na minha primeira noite como voluntário. O casal, que morava em um hotel social nos arredores, contou um pouco da sua história. Ficaram nas ruas por 9 meses, e ele começou a trabalhar no Programa Operação Trabalho (POT). Quando nos despedimos, eu disse que queria ouvir a história deles aos poucos, e que semana que vem estaria lá, no mesmo dia, horário e lugar.

— Sim, nós conversa. Você vai saber mais da nossa vida. Aos poucos, você vai saber muito mais (disse Renata, como quem guarda muitas histórias que gostaria de dividir).

Sete dias depois, ansioso por encontrá-los, não os vejo na fila. Os minutos passam, mais pessoas chegam e saem, mas nenhum sinal deles. Espero até a última entrega, esperançoso de que eles apareceriam, mas nada.

Assim se repetiu na semana seguinte, e na depois dessa, e na outra. No meu último dia como voluntário naquela ação, uma mulher passa por mim e sorri, e eu sorrio de volta. Só algum tempo depois, quando vejo ela junto de um homem, percebi que eram eles. Washington tinha um machucado na cabeça.

— O Washington foi roubado, bateram nele, na cabeça. Ficou no hospital, depois de repouso, por isso a gente não veio nas últimas vezes.

Me peguei pensando como alguém que tem tão pouco consegue ter esse pouco levado contra a sua vontade. E como alguém que também tem tão pouco decide ferir o outro, e ainda pegar o seu pouco.

4.5 A despedida

Percebi que, na rua, não existem despedidas banais.

— Tchau, se cuida, até semana que vem.

— Deus te abençoe. Se Deus quiser, até. Não sei se vou estar aqui ainda (vivo).

4.6 O voto

— Vou te fazer uma pergunta, porque tô meio em dúvida: não sei qual colégio eu voto. Será que vou ter que ir até a Vila Mariana? (entra para buscar o seu documento)

— O senhor não lembra a última vez que votou?

— Faz 44 anos que eu não voto.

Carlos passou mais de quatro décadas em situação de rua. Há dois anos, conseguiu arranjar um emprego e um teto, em uma oficina mecânica.

— Eu não sei nem em quem votar. A última vez que eu votei eu tinha 23 anos. Vi muita gente prometer, mas nunca vi ninguém fazer nada. Só vejo os caras falar porcaria, saindo na mão, então pra mim, se for pra brigar, eu mesmo brigo. Não vi falar uma coisa sobre criança, montar abrigo pra criança, tirar criança da rua. Não falam nada, então não perco tempo. No dia eu decido, ou anulo também. Também não sou contra quem tá lá, quem não tá. Eu não me meto em nada, sou neutro. Sou que nem água: escorrega, cai ali, seca e acabou.

4.7 O dono de lanchonete

O dono de uma lanchonete vizinha à pensão que atendemos se aproxima e pede uma sopa. Pedimos para ele esperar um pouco, pois talvez falte. O dono da lanchonete, então, diz:

— Aqui não tem nem gente, não tem ninguém. Ó, sabe onde vocês precisam fazer doação? Ali mais pra frente. Vocês estão no lugar errado. Quem precisa, não tá aqui. O pessoal aqui é vagabundo, cheira, fuma, e vai comer? Cê é louco. Vocês estão no lugar errado, tá? Tão fazendo doação, daora, mas cêis tão no lugar errado. Quem precisa mesmo tá lá embaixo, no Cambuci em diante, aqui não.

Uma das rotas passa justamente pela região que o dono de lanchonete aponta, com a mão. Uma das voluntárias diz isso, ele ignora.

— Aqui não. Tenho lanchonete aqui, lá e lá (três lanchonetes), vocês estão no lugar errado. Aqui só tem vagabundo que não precisa. Entendeu rapaziada? Quem precisa mesmo não tá aqui não.

O dono da lanchonete, surpreendentemente, continua. Aos gritos, andando de um lado para o outro, na calçada.

— Daora vocês, hein. Vai dar comida pros mendigos, mano. Fazendo o que aqui, com quem não precisa. Vocês estão no lugar errado. Quem precisa mesmo tá no Glicério, seus vagabundos.

4.8 As partículas

— Aí, grande, tô conversando com a moça aqui. Ali, ó, o cara cruzou a mão ali. Esse lado, aqui pra cá, é saída energética. Sobe por aqui, e se ele cruzar o braço, tem força pra cruzar desse lado e deslocar do outro. Se você olhar bem, consegue ver as partículas passando (aponta para o ar). Ó, uma das coisas mais perigosas: tá você, ela, toda a família numa mesa, comendo. O prato dela tá aqui, ela tá comendo com o braço aqui, ela coloca o braço na ponta pra cá. De repente, ela tá conversando e vira. E o braço tá aqui, pra cá. Esse lado pertence à bidimensão, por causa da rotação do braço, e desloca daqui pra cá, puxa, é uma espiral de dentro pra fora. E o prato, tudo que é fechado, tem uma rotação. Aquilo vai incomodar por uns 3, 4 minutos, e você vai falar: “Mãe, tô com uma dor aqui”. Quando for dormir, sua alma sobe desse lado, céu-terra. Essa dorzinha que alterou o seu órgão, ela pode alterar mais ainda, só por causa do deslocamento da alma. Porque você ficou muito tempo ali naquela posição. “Ah, mas tô com duas camisetas”. Não adianta, cara, é como se fosse um laser. A física quântica, essas partículas eletromagnéticas. Aconteceu isso comigo lá na Zona Sul, nem parede protege, olha que louco. Ó, rapidinho, seis formas de cruzar os braços:

1. Direito pra dentro, mandando a energia pra fora.
 2. Direito pra fora, puxando a energia pra dentro.
 3. Direito por cima, puxando pra dentro do corpo.
 4. Direito pra baixo, deslocando.
- (Ele esqueceu a quinta e a sexta)

4.9 O acesso

— Saiu na capa da revista aqui da banca, muito tempo atrás: “Em uma eventual Terceira Guerra Mundial, qual será o papel do Brasil?”. Tá vendo, a resposta que eu queria saber, a revista tava perguntando!

— E o quê a revista falava?

— Não sei, não tenho acesso, só à capa.

conclusão

Ao longo da pesquisa deste projeto, tanto com as dificuldades e imprevistos quanto os momentos luminosos e diálogos especiais, um pensamento não desapareceu: estou trabalhando com o material mais bruto, puro e fascinante que existe, que são as pessoas e suas subjetividades. Essa certeza aparecia nos momentos difíceis, quando um personagem que esperava encontrar não aparecia, mas também estava presente naquelas trocas profundas que brotavam das entrevistas, quando percebia que ali, finalmente, acessei realmente o outro.

Nesse mundo, que é o mundo real, pelas esquinas de São Paulo, descobri que não existe release, pauta, prazo, editor ou roteiro. Todas as entrevistas foram marcadas na conversa, como promessas para a semana seguinte — e restava confiar em um desconhecido, sair de casa e descobrir se elas seriam cumpridas ou não. Ele vai lembrar? Como a gente vai se encontrar aqui? E se ele atrasar? Espero mais um pouco? Foram questões que surgiam diariamente ao longo da pesquisa de campo. Na mesma medida que provocava preocupações, a ideia de sair à rua para conhecer pessoas novas, e quem sabe esbarrar em uma história incrível que entrará no meu projeto, foi uma fonte de energia, animação e expectativa.

Somado a isso, o fato de estar participando de ações voluntárias que realmente contribuem para o bem-estar da população em situação de rua, entregando comida, itens de higiene e roupas, também manteve vivo o propósito deste trabalho. Se o objetivo final é dar voz a essas pessoas e iluminar a situação em que vivem, é interessante que as etapas para este fim tenham sido repletas de boas ações, que podem ter feito a diferença para algumas pessoas, em algumas noites.

Sobre o Diálogo Possível, trago mais uma vez a descrição da missão deste conceito, a partir de um trecho de Cremilda Medina sobre as ideias de Martin Buber¹¹: “A única possibilidade de autenticidade, verdade, entre os dois interlocutores é a entrega do EU ao TU, um TU-PESSOA e não um TU-ISTO” (Medina, 1995, p. 13). Uma frase que muito se assemelha à citação de Buber que abre o primeiro parágrafo do livro *Entrevista: Diálogo Possível* (Medina, 1995): “A verdadeira vida comunitária é aquela que permite a cada indivíduo relacionar-se com o próximo em termos da relação

11 Martin Buber (1878-1965) foi um filósofo e escritor austríaco, professor da Universidade de Frankfurt, na Alemanha, e depois da Universidade Hebraica, em Israel.

EU—TU, e não em termos da relação EU—ISTO” (Medina, 1995, p. 5).

Essa dicotomia entre “EU—TU” e “EU—ISTO” é o ponto central da teoria de Medina, e também do intuito deste livro-reportagem. Se aproximar das pessoas em situação de rua para não explicar ou falar por elas, através de números e pesquisas frias, e sim para fazer as suas vozes chegarem mais longe. Um exercício de apropriação do direito de contar a própria história. E, na relação repórter-entrevistado, isso passa por um “desarme” de impressões e noções pré-estabelecidas de ambos os lados, o que, certamente, provoca transformações em cada uma das pontas.

Resgatando uma citação incluída no início deste livro, Medina escreve que a maior ou menor comunicação da entrevista “está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quanto, em um desses raros momentos, ambos — entrevistado e entrevistador — saem ‘alterados’ do encontro” (Medina, 1995, p. 7), em ocasiões que “um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo” (Medina, 1995, p. 7). Concluir se o Diálogo Possível se fez ou não é uma tarefa difícil, pois Medina frisa que o encontro transformador deve impactar “ambos entrevistado e entrevistador”. Porém, o segundo excerto explica que essa tal “alteração” subjetiva provocada em ambos os participantes da conversa pode ter diferentes tipos e graus de impacto.

É inescapável, em uma entrevista, e especialmente para um perfil que conta a trajetória de vida de um certo alguém, que o entrevistado fale muito mais que o entrevistador. E, no caso das cinco grandes entrevistas que estão inseridas neste livro, e o próprio objetivo de conhecer um universo que desconhecia, esse fluxo de insights provocados pelas conversas foi desbalanceado. É evidente que eu, o repórter, saí de cada entrevista com mais ponderações e novas visões de mundo do que o entrevistado. Porém, Medina não cita o equilíbrio como um elemento preponderante nesse jogo de relações.

Sobre as ondas grandes ou pequenas provocadas no subjetivo dos personagens a partir dos nossos encontros, os exemplos mais claros que atestam que isso aconteceu foram as raras passagens em que o entrevistado fez uma pergunta para mim. Lembro aqui de um momento da entrevista

com César, em que ele começou a me fazer perguntas sobre jornalismo. Em certo ponto desse papo, citei o termo “release”, e ele prontamente me pediu para explicar o que isso significava. Essa é uma passagem banal mas que demonstra que o entrevistado, quando se despediu, não era o mesmo que começou a conversa, mesmo por conta de um minúsculo novo conhecimento.

Na conversa com o personagem Guerreiro, talvez o momento que o alterou em algum grau foi uma passagem descrita no texto, em que, por coincidência do destino, uma mulher que havia lhe dado uma fruta no dia anterior passou em frente a nós, buzinando. Quando ele contou a história sobre a desconhecida, foi o momento da entrevista em que ficou mais emocionado, e chorou. Quando o carro passou, senti que ali aconteceu um momento especial.

No caso da Dona Fátima, ela se emocionou diversas vezes ao longo da nossa conversa. Mas o detalhe singular do papo é o que não está no texto: ela compartilhou algumas confidências profundamente pessoais e dolorosas, dizendo “agora só eu e você no mundo sabemos disso”. Ouvindo Wellington, destaco os momentos em que ele se mostrou surpreso por eu ter lembrado da sua história e do que ele havia me contado alguns dias antes. Com uma simples pergunta — “Tu lembra, cara?” —, vi espanto, alegria, alívio, tristeza e desconfiança na sua voz e no seu olhar.

Fátima, acredito, voltou para a sua ocupação pensando sobre a roça que viveu na infância. Perguntada sobre a sua juventude no interior, percebi que ela gostou de explicar minuciosamente tudo que sua família tinha à disposição no sítio, as frutas, o queijo, as lamparinas e também a rotina agrícola. Tive a impressão que ela acessou memórias que não acessava há tempos.

Esses pequenos momentos com cada um formaram centenas de abalos sísmicos na minha subjetividade ao longo das semanas de captação. O sentimento que fica é que a minha mente ganhou espaço, meu olhar ultrapassou a vista da minha janela e meus mapas da cidade ganharam novos desvios. Aqui eu lembro uma das primeiras frases que escutei, na minha primeira ação como voluntário do projeto Dando Sopa, do próprio idealizador, Bruno Luis Leibholz, enquanto olhava pela janela do carro para tentar encontrar pessoas na rua: “Quando você começa a prestar a atenção

nessas pessoas, você não vai conseguir parar de enxergá-las”. E isso aconteceu, em todos os sentidos possíveis.

Para além da relevância pessoal, esse projeto pode servir como uma pincelada densa e representativa do problema da falta de moradia em São Paulo. E também como uma pílula sobre outros lugares que o jornalismo pode alcançar; outros personagens, fontes e histórias que os jornalistas podem buscar; outras esquinas da cidade que as reportagens podem mostrar. E, especialmente, outras abordagens que um repórter pode ter, tanto no ato da entrevista, quanto na escrita de um texto. Esse jornalismo feito sem algumas facilidades tecnológicas, baseado no diálogo franco e sensível, não pode ser confundido como um método antigo, ultrapassado. É, talvez, a única abordagem que não envelhece.

Nenhum recurso da inteligência artificial substitui o desafio que se impõe perante a inteligência natural. Fórmulas mecanicistas não respondem à demanda criativa da comunicação social. O diálogo entre sujeitos, quase sempre assimétricos, com meios eficientes favorecidos pela tecnologia contemporânea, parte de práticas profissionais que amadureceram suas gramáticas acadêmicas, mas, acima de tudo, provoca a sensibilidade criativa do contato e do jogo de relações que comunga os mistérios com a arte. (Medina, 2003, p. 98)

Essa citação também liga outro ponto citado anteriormente: a essência do jornalismo é contar uma boa história. E as boas histórias, que as pessoas tendem a se interessar em ler ou ouvir, só ganham brilho com as minúcias e nuances de um bom e velho diálogo profundo.

Aqui, para encerrar, trago a frase que fecha o ensaio *Entrevista: Diálogo Possível* (Medina, 1995): “A profissão de jornalista pode ser aventureira, mas só uma das aventuras — o diálogo social — terá força para enfrentar o naufrágio” (Medina, 1995, p. 90). Mas me permito fazer um comentário: “a profissão de jornalismo deve ser aventureira”. Frente a esta realidade que se impõe para além dos nossos tetos, pratos, chuveiros e cobertores, é urgente se aventurar pelo oceano das ruas.

referências bibliográficas

BRASIL. **Decreto n.º 7.053, de 23 de dezembro de 2009.** Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 24 dez. 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm. Acesso em: 31 out. 2024.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

CRIADO, Alex. **Falares: a oralidade como elemento construtor da grande-reportagem.** 2006. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27142/tde-04082009-212731/>. Acesso em: 27 out. 2024.

MACHADO, Irene. **Pensamento semiótico sobre a cultura.** Sofia, v. 2, n. 2, p. 60-72, 2013 Tradução. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002424004.pdf>. Acesso em: 26 out. 2024.

MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista: O diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1995.

MEDINA, Cremilda de A. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano.** São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda de A. **A casa imaginária.** São Paulo: CJE/ECA/USP, 1990.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

